



ACONTECEU

DE VERDADE

LENDAS URBANAS

DA UFFS

Saulo Gomes Thimoteo (Org.)



ACONTECEU

DE VERDADE

LENDAS URBANAS

DA UFFS

Saulo Gomes Thimoteo (Org.)



Sumário

Prefácio	5
Bem patrimonial	8
O cachorro	10
O mistério da árvore.....	13
A pedra marcada	16
Um projetor	20
A noiva	22
Cirurgia de emergência.....	25
Reação química.....	28
Aluna exemplar.....	32
O besouro.....	35
Occidere eos.....	39
O elevador.....	43
A luz escarlata.....	46
Passagem do tempo.....	51
O quinto andar	55
Movimentação suspeita.....	57
O espelho	60
Ocupado!.....	64
A moça dos olhos de prisma	68
A última refeição.....	71
A sala 205	76

Devolva a pedra, amigo	79
O segredo está no molho	82
Olhos grandes.....	86
Oi!	89

Prefácio

Todo espaço, seja onde habita ou trabalha uma comunidade, seja uma região com múltiplos grupos, pode se tornar cenário de histórias. Como cada um vive e sente de uma maneira particular, sua interpretação dos acontecimentos e do ambiente está ligada à sua bagagem histórica e cultural.

Toda pessoa, independentemente de sua origem, crença ou formação, desenvolve-se em torno de narrativas. Quando criança, desenvolve-se a imaginação a partir das histórias que se ouve dos familiares e dos professores e, mesmo quando adulto, pode-se escapar da realidade cotidiana na forma de livros, filmes, músicas, piadas.

Este livro nasceu, então, de uma inquietação embebida nesse jogo duplo. A proposta era exercitar a criatividade, inserindo personagens e elementos sobrenaturais, ou, pelo menos, inexplicáveis, na rotina e nos ambientes do Campus Realeza. Professores e técnicos olharam para além do local de trabalho, afastando o véu do cotidiano trivial e enxergando outra dimensão, mais fluida e mais ampla. Alunos descobriram caminhos imprevistos, mostrando seres subterrâneos emergindo do crepúsculo. Vigilantes compartilharam experiências das horas neutras da madrugada, quando a escuridão revela aquilo que a luz esconde.

As lendas urbanas pertencem a um gênero fronteiro, pois transitam da realidade à ficção, acontecendo com uma terceira pessoa (um primo de um amigo, um conhecido). O elemento de suspense ou horror, algo recorrente nesses textos, ganha profundidade e surpresa quando ocorre a reviravolta final. Por certo que nenhum desses contos pretende afastar as pessoas dos espaços do campus, antes se deseja que cada árvore, cada porta, cada sala seja uma via de estímulo à imaginação de todos. E que compartilhem histórias e visões, pois é desse modo que uma das mais tradicionais e antigas formas de literatura se atualiza e se mantém viva: a literatura oral, contada pelos antepassados à beira da fogueira ou em rodas de chimarrão.

Todas essas lendas urbanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) aconteceram de verdade, pelo menos na imaginação de quem a contou e escreveu, e de quem a ouviu e leu...

Como são lendas, não se pode identificar exatamente um autor específico, pois isso confere um grau de incógnita e nebulosidade que se mostra interessante na recepção do livro, especialmente à medida que o tempo passa e as histórias vão se tornando senso comum. Portanto, em vez de identificarmos a autoria de cada texto, apresentamos os participantes que contaram, propuseram ou escreveram as histórias desta edição:

Alice Florintino

Ana Keli de Amaral dos Santos

Antônio Marcos Myskiw

Augusto Domingos Pagnoncelli

Bruno da Rocha Nunes

Cláudia Letícia Pivetti de Carli
Ederson Luiz Lopes
Edineia Paula Sartori Schmitz
Emily Picini Medeiros
Gabriel Fischer Lottermann
Ivanglei Schirmann
Jane Ribeiro
Nadiane Laiz Lotici
Paloma Batista Carbonera
Pamela Tais Klein
Ramunielly Bonatti
Saulo Gomes Thimoteo
Simone Pinheiro Achre

Bem patrimonial

Estas histórias aconteceram de verdade com as funcionárias da limpeza da UFFS.

Antes de a UFFS – Campus Realeza funcionar no prédio definitivo, durante alguns anos, as aulas e atividades foram desenvolvidas no Centro de Eventos da cidade, que fora uma antiga fábrica, cujo proprietário, Rubens Cesar Caselani, hoje, dá nome a uma avenida.

Depois da sua morte, a fábrica fechou, mas começaram a circular histórias de que o espírito do velho Caselani ainda rondava por lá.

Prova disso, por exemplo, foi quando, por ocasião do Dia do Meio Ambiente, vários acadêmicos fizeram cartazes sobre preservação ambiental e afixaram por todas as paredes do Centro de Eventos. Naquela tarde, depois que todos tinham ido embora, as mulheres começaram a limpar as salas e logo perceberam que os cartazes que estavam pendurados ao longo do corredor estavam caídos.

À medida que iam andando, iam recolocando os cartazes na parede. Quando chegaram ao final, olharam para trás e, um por um, começaram a se soltar novamente. Elas, sem entender, refizeram o trabalho – melhor isso do que deixar no chão ou jogar fora. Ao final, uma delas resolveu fazer uma

piada, e falou alto: “Nossa, seu Rubens, está nervoso com os cartazes?” Assim que perguntou, todos os cartazes, ao mesmo tempo, soltaram-se e caíram.

Em outra ocasião, uma das funcionárias estava fritando bolinhos para a hora do café. Quando terminou, ouviu um barulho de passos na sala vizinha e lembrou-se de que era por ali que o velho Caselani entrava para o seu escritório, batendo os calçados no batente da porta. Antes de sair, ela falou: “Quer bolinhos, seu Rubens? Pode pegar”. Assim que voltou, o prato estava vazio...

Não se conhecem novas histórias como essas que tenham ocorrido no Centro de Eventos depois da mudança da universidade. Isso leva a crer que, durante a mudança e catalogação dos materiais, um novo bem patrimonial foi incorporado e vai transitando pelos corredores e blocos do campus definitivo.

O cachorro

Entre 2010 e 2012, as aulas da Universidade aconteceram no Centro de Eventos de Realeza, um espaço onde originalmente funcionava a indústria “Parquet BW Itaipu”, e que teve de passar por várias adaptações para comportar salas de aula dentro dos galpões. Levantaram-se paredes, mas o que chamava a atenção era a enorme torre de tijolos, sempre com a porta trancada.

Durante as madrugadas, muitos vigilantes afirmam ter ouvido gemidos e barulhos vindos do alto da torre. Alguns davam uma risada nervosa, afirmando ser o fantasma do velho Caselani, que ficou louco e agora rondava o Centro de Eventos. Mas um deles, beirando os quarenta anos, pediu para que não brincassem com as mortes ocorridas ali, à época da fábrica, porque seu avô tinha sido uma vítima, em um acidente estranho.

Foi em novembro de 1983, com a fábrica celebrando 10 anos de funcionamento. Seu avô era muito forte, segurando ripas de madeira que outros operários só conseguiam carregar com muita ajuda e esforço. Ele tinha um cão muito fiel, de porte médio, com grossos pelos cinzas, que o acompanhava durante todo o trajeto da casa e, durante o trabalho, ficava pelos arredores e voltava como sombra dele, no final do dia.

Pois foi em um final de tarde, com o céu oscilando entre o rosa e o azul, que, do alto da torre, quatro tijolos despencaram: três acertaram fatalmente a cabeça e os braços de seu avô e um, a perna dianteira do cachorro. Trouxeram o homem para dentro, mas os ferimentos eram muito sérios, uma poça de sangue começava a se formar no pátio da fábrica. O cachorro também foi recolhido e gania com grande tristeza, parecia que era mais por ver o dono naquele estado do que pelo seu próprio machucado.

Disseram que foi uma fatalidade, pois ninguém conseguiria jogar aqueles tijolos e desaparecer. O homem morreu alguns dias depois. O cachorro, por não ficar parado e sempre andar à procura do dono, fez com que a fratura não cicatrizasse direito, de modo que ficou manco definitivamente. O que não era um problema, pois tinha grande disposição, continuava andando por toda parte e, às vezes, olhava para um ou para outro funcionário da fábrica, com grandes olhos tristes, ganhando tal qual um resmungo, como se perguntasse pelo dono.

Tempos depois, a fábrica faliu. E o cachorro, em um dia que ninguém mais sabia dizer qual, desapareceu. E agora, quase trinta anos depois, o neto daquele homem era vigilante, no mesmo lugar da morte do avô... Por isso, brincadeiras não, por respeito!

Passado um tempo, o vigilante estava fazendo a ronda noturna. Quando abriu a porta de metal do saguão central (onde estava funcionando o Auditório), a luz da lanterna iluminou, logo ali, diante dele, uma grande poça de sangue. E, em algum lugar, um uivo ecoou, cortando o ar frio.

Correu para chamar alguém, sem conseguir organizar as palavras: "Venham, venham!" Quando voltaram ali, acenderam

todas as luzes e verificaram que, em vez de sangue, possivelmente seria apenas uma mancha de óleo. O vigilante respirou aliviado, mas ainda se sentia incomodado.

No dia seguinte, alguns alunos de Veterinária trouxeram um cachorro. “Acho que sofreu um acidente aqui por perto”. O vigilante, que já se aprontava para encerrar seu turno, ficou estático diante do cachorro que estava no colo de um rapaz: tinha os mesmos olhos tristes, os mesmos pelos grossos e a mesma pata quebrada do cachorro de seu avô.

Durante todo o caminho, ficou pensando se seria possível um cachorro que desapareceu trinta anos antes, ressurgir da mesma forma e com as mesmas características.

O vigilante nunca contou essa história a ninguém, pois sabia que não acreditariam nele. Mas aproveitou a oportunidade para conviver com aquele cachorro, dando-lhe carinho e atenção, pois era uma forma de conectar-se com seu avô. Enfim, essa é uma daquelas coisas que não se explicam nem se entendem. Apenas se vivem e se sentem.

Quando houve a mudança para o prédio definitivo, o vigilante pegou o cachorro e o levou a tiracolo para o novo campus. Não seria possível se separar dele, sendo uma lembrança, mesmo que absurda, do avô. E o cachorro ainda anda pela UFFS, em companhia dos outros cães, mas sempre parecendo andar à procura de alguma coisa ou alguém. Às vezes, quando lhe dão atenção, ele vem a passos mancados e lança um olhar baixo e triste, enquanto solta um resmungo.

Essa história aconteceu de verdade com um vigilante noturno da UFFS.

O mistério da árvore

Esta história aconteceu de verdade com duas estudantes de Medicina Veterinária da UFFS.

Elas eram amigas de longa data, de pais e avós vizinhos de porta. Viveram sempre unidas, ligadas, pareciam até irmãs, diziam todos. Brincaram juntas, cresceram juntas. Estudaram juntas para passar no curso de Medicina Veterinária. As amigas mudaram-se para a cidade de Realeza, com todo o turbilhão de novidades que uma graduação oferece, novos professores, novas pessoas, tudo novo para envolver uma amizade antiga. A própria Universidade estava recém-instalada no campus definitivo, com alguns lugares ainda em construção.

Nos meses que seguiram, uma das moças começou a apresentar uma mudança de comportamento. Ela fez novas amizades, ia em festas e encontros, quase sempre sem a presença da outra.

Esse distanciamento foi se alargando com o passar do tempo, de modo que, no segundo ano de graduação, aquela moça viu sua grande amizade resumir-se a cumprimentos secos e mínimos.

Um dia, enquanto ela esperava o ônibus sozinha, uma garota aproximou-se. Conversou longamente, viu que tinha muito em comum com ela e notou que a amizade é algo que

sempre deve ser cultivado e, quando se esquece e ignora, acaba por morrer.

Nos dias que se seguiram, ficava procurando a nova moça. Esquecera-se de perguntar qual era o curso que fazia. Acabou por encontrá-la sentada na grama, isolada, do lado de fora do Bloco A. Ela tinha uma feição distinta de qualquer pessoa, tinha olhos castanhos, cor de terra, a pele suavemente queimada e um vestido de tons verde-escuros.

Depois de mais algumas semanas, no início de julho, com o inverno se anunciando e as árvores já despidas de todas as folhas, a nova amiga a aconselhou a tentar uma última aproximação com a “ex-amiga”. Como a UFFS estava em época de avaliações finais, não haveria muita gente, então poderiam se encontrar no pátio em construção entre os blocos de laboratórios e conversar à vontade.

Fazia uma tarde de frio, estranha e chuvosa, de muito vento. As árvores da mata atrás dos laboratórios pareciam acenar, de tão forte que eram as rajadas. Entre morros de terra, buracos e blocos de concreto, as duas conversaram por um longo tempo, esqueceram de tudo e de todos.

Por fim, a amizade estava restabelecida e, quando perceberam, a garota de vestido verde estava se aproximando, andando enigmática no meio do vendaval. A chuva parecia descer à volta dela, sequer a tocando, enquanto seus cabelos balançavam ao vento. Ela abraçou-se às duas moças, com uma força descomunal. Arrastou-as até um dos buracos destinados à arborização do pátio e, sem levantar o tom de voz, mesmo com rajadas de vento uivando por todos os lados, falou que era um ser da natureza e que desejaria voltar ao seu estado original. Para isso, precisava da essência vital de dois humanos

ligados por laços de amizade. Seus braços começaram a se tornar troncos e o vestido aumentava, envolvia aquelas moças.

As amigas mal tiveram tempo de pensar no que estava acontecendo, apenas conseguiram erguer os braços, tentando escapar, mas foi em vão.

As famílias das duas moças estiveram no campus para procurá-las, mas não havia qualquer informação. E quando os operários foram terminar o serviço de arborização do pátio na frente dos laboratórios, estranharam que uma das árvores já estava plantada, com raízes tão fundas que parecia já ter décadas e galhos que, quando estão sem folhas, parecem dedos que se esticam...

A pedra marcada

Esta história aconteceu de verdade com um dos trabalhadores que construíram a passarela de acesso aos laboratórios da UFFS.

Quando as retroescavadeiras e os caminhões chegaram para começar os trabalhos, muitos homens roçaram o caminho, colocaram as pilhas de blocos e prepararam tudo. O caminho já estava delimitado: começariam logo na sequência das escadas do Bloco A, seguindo reto por cinco metros, dobrando à esquerda, passando por todo o lado do edifício, aí dobrando à direita e encerrando na entrada do Bloco de Laboratórios 1.

As máquinas começaram a trabalhar, e a escavadeira desceu sua pá gigantesca, arrancando a grama e o mato. No espaço de tempo que levou para depositar a terra na caçamba do caminhão próximo, um dos trabalhadores, que ficou logo ao lado, apreciando essa força mecânica, reparou num brilho súbito, que vinha dali mesmo da terra recém-revolvida. Com muita destreza, e antes que alguém mais percebesse, abaixou-se e apanhou uma pequena pedra, preta e com um suave formato oval. Parecia antes um daqueles seixos que ficam à beira dos rios do que uma pedra bruta enterrada. O brilho vinha de um desenho que representava uma meia-lua com a

concauidade voltada para baixo e, no centro, algo que seria um homem-palito sem os braços.

Assim que a pegou, já guardou no bolso, para olhar depois, com mais calma. E passou o resto do dia ajudando os demais e olhando os novos pedaços de terra remexida.

Quando chegou em casa, foi até seu quarto, deitou-se na cama e ficou admirando os detalhes. O desenho era feito com uma suave tinta dourada, como se fosse ouro. O homem ficou pensando se aquilo valeria alguma coisa ou se teria mais ouro enterrado na UFFS. Sua mulher chegou até a porta, olhou de modo geral e franziu o cenho: “Ué, pensei que ele já tinha chegado...” E saiu.

O homem ficou sem entender, pois seu 1,80m dificilmente passaria despercebido naquela cama. Deixou a pedra debaixo de seu travesseiro e foi para a sala: “Mulher, o que foi?”. Ela se virou de um pulo: “Meu Deus, que susto! De onde veio? Acabei de ir no quarto e não achei você.” Não houve resposta dele, mas uma ideia brotou em sua cabeça. E se aquela pedra, com aquele desenho, fizesse a pessoa ficar invisível?

No dia seguinte, resolveu tirar a prova. Logo cedo, pôs a pedra no bolso, despediu-se da mulher (sendo retribuído) e foi para o canteiro de obras. Cumprimentou todos os companheiros e, logo que passou atrás de uma das pilhas de blocos, pegou a pedra de seu bolso e segurou-a com força na mão esquerda.

Olhou em torno, mas não sentiu nenhuma mudança. Deu alguns passos, andou entre os demais e ninguém estava prestando atenção nele. Alguns instantes depois, alguém gritou seu nome e todos se viraram. Começaram a procurar: “Viram Fulano?” “Estava aqui ainda agora.” “Pois é, precisamos

de todos aqui, vamos passar o rolo compressor e colocar os blocos todos”.

Não conseguiu segurar um sorriso; a sua descoberta lhe garantia um futuro inimaginável. Podia entrar em qualquer lugar, fazer o que quisesse que ninguém o descobriria. E, em sua mente, dois cenários se desenhavam: tanto podia roubar bancos e descobrir segredos, quanto ajudar a polícia a desmascarar bandidos. O seu caráter estava sendo desenhado ali, naquela hora, com todas as possibilidades abertas e sem ninguém que soubesse e o pudesse julgar.

Estava em devaneios quando todos tinham se afastado do caminho revolvido de terra por onde passaria a máquina para aplainar o terreno. Foi nessa hora que ele, por um reflexo de luz, visualizou uma segunda pedra tão perfeita quanto a primeira. Não pensou duas vezes, correu até lá e, com a mão direita, pegou a outra pedra, ficando com as duas em sua posse. Olhou para o desenho que lá estava: era um outro homem-palito, só que estava com os braços abertos e quatro retas fechavam um quadrado sobre ele.

Enquanto pensava qual seria o poder daquela pedra, o barulho do rolo compressor o despertou. Precisava sair dali para não ser atingido. Mas como se não conseguia se mexer?

Foi com um olhar cheio de terror que ele se deu conta de que o poder daquela segunda pedra era justamente imobilizar seu portador. Tentou jogar a primeira pedra, para que os outros o vissem e ele pudesse ser salvo, mas todos os seus músculos estavam petrificados. Nem mesmo gritar era possível.

A máquina veio devagar, mas a velocidade era constante. Não houve qualquer tremor quando passou por cima do seu

corpo. Depois, todos os blocos foram depositados e o caminho até os laboratórios foi concluído.

Nem a mulher, nem os amigos souberam mais dele. Pensaram que tinha fugido com alguma amante. Mas alguns alunos perceberam que, quando andam na passarela, quase na curva para os laboratórios, há um suave desnível nos blocos.

Um projetor

Esta história aconteceu de verdade com um professor da UFFS.

Ele tinha trinta e dois anos. Durante toda a sua vida acadêmica, esteve focado nos estudos. Não teve tempo para namoradas, nem mesmo amizades. Era muito tímido e envergonhado. E, mesmo tendo uma formação em licenciatura e um currículo vasto e diversificado, não tinha muita habilidade para dar aula.

Quando o ano letivo começou, perdeu a paz. Atrapalhava-se todo diante dos alunos, confundia as informações, nem conseguia conectar o seu computador ao projetor. Em uma aula, ficou meia hora tentando projetar. Desistiu, aceitou a ajuda de um aluno que, em dez segundos, pôs o projetor a funcionar. Quando saía daquela sala, ouviu em surdina dois alunos comentando: “De que adianta ter doutorado, se não sabe mexer nem com um projetor?”

Isso foi contribuindo para um quadro de depressão e síndrome do pânico. Ele começou a ter aversão a contatos sociais. Dizia: “Deem-me três projetos de pesquisa, mas não quero mais uma turma”. Por fim, entregou um atestado médico para tirar uma licença. Enquanto descia as escadas, ouviu dois alunos comentando: “É aquele ali? O professor-projetor?”

Aquilo foi demais para ele. Correu para seu carro e, ao entrar na rodovia, sem olhar para os lados, acabou sendo atingido por um caminhão e morreu no local.

Após os dias de luto, que consternaram toda a Universidade, as aulas recomeçaram. Estranhamente, o projetor da sala 301 – na qual ele geralmente dava aulas – não funcionava. Técnicos foram chamados. Testaram outros, mudaram a fiação elétrica, mas nada resultou. Naquela sala, por incrível que pareça, há alguma interferência...

Algum tempo depois, no início de uma madrugada, quando os vigilantes conferiam se todas as salas estavam fechadas e as luzes desligadas, o projetor defeituoso da sala 301 apareceu ligado. As portas estavam trancadas e não havia ninguém no interior. Registraram no livro de ocorrências, mas acharam melhor não entrar e desligá-lo. Não se deve incomodar alguém que está tentando aprender algo novo...

A noiva

Nas primeiras horas da madrugada, um vigilante saiu da guarita, olhou pelas portas de vidro da entrada e subiu as escadas do Bloco A para fazer a ronda de rotina nos andares. O barulho das chaves em sua mão marcava o ritmo dos passos, inclusive fazendo um eco, por ser o único som existente.

Esse vigilante era muito sistemático e, a cada andar, olhava pelas janelas o amplo estacionamento (a essa hora, vazio), passava pelas portas dos três elevadores e percorria as salas pelos números decrescentes, fazendo toda a volta no andar. Sempre abria cada sala, lançava a luz da lanterna em panorama, trancava a porta e dava uma pequena batida no batente com o cabo da lanterna. Era uma forma de autoafirmação, como se marcasse um ponto para si mesmo.

Quando estava no quarto andar, olhou para o interior da sala em que os estudantes geralmente ficam e percebeu, sem muita importância, um feixe de luz amarelada. Reflexo da lua, por certo. Começa a volta e, quando marcou o ponto perto do bebedouro e da sala 406, julgou escutar um barulho no outro lado do andar. Como se alguém estivesse amassando peças de roupa, ou vestindo-as...

Achou estranho, mas podia ser somente o som das árvores lá fora ou o próprio cansaço de subir todas aquelas

escadas. Continuou a andar pelo outro lado do corredor até regressar à sala dos alunos. Olhando de relance, notou que, lá dentro, estava uma mulher branca, muito branca, vestida de noiva, com cabelos encaracolados muito loiros e esvoaçantes, olhando para ele através do vidro, com olhos negros que pareciam abismos. Ela fez um gesto para ele se aproximar, e ele, hipnotizado, vai andando passo a passo.

Quando o vigilante quase estava encostando seu rosto no vidro, tão perto que a respiração começava a embaçar, aquela estranha mulher, sorridente, aproximou-se também e falou, com uma voz doce e angelical: “Eu perdi meu noivo num acidente logo ali, na estrada. Você não quer casar comigo?”

Ele não sabia o que responder. Toda aquela situação era absurda e não havia maneira segura de escapar. Segurando a lanterna com força na mão esquerda, sentiu a sua aliança pressionar os dedos. Então, tentando disfarçar o terror com uma voz tranquila, disse: “Não posso, moça. Sinto muito. Você é muito bonita, mas eu sou casado, fiel à minha esposa. E eu preciso trabalhar”.

Houve uma transformação... o ar todo pareceu congelar, e a figura feminina se contorceu. Os cabelos tornaram-se agulhas, as mãos tornaram-se garras, os olhos ganharam um brilho de ódio. E ela, apontando-lhe um dedo negro e trêmulo, falou: “Então terei de me casar com outro!”

E sumiu.

A noiva não foi mais vista, ou porque foi para outro local atrás de um marido, ou porque ainda não encontrou outro pretendente sozinho pela UFFS. E o vigilante, no fim de seu turno, voltou para casa, abraçou-se com sua esposa, beijou-a

e declarou que nunca se separaria dela, pois percebeu que o casamento é capaz de salvar a vida de um homem...

Essa história aconteceu de verdade com um vigilante da UFFS.

Cirurgia de emergência

Esta história aconteceu de verdade com dois residentes do Hospital Veterinário da UFFS.

Quando foram escalados para o plantão noturno pela primeira vez, os dois residentes pensaram que seria uma noite tranquila, afinal, alguém pensaria várias vezes antes de levar o seu animal ao Hospital. Somente em casos gravíssimos e inadiáveis.

Depois que o relógio do computador anunciou a meia-noite, indicando que já era sexta-feira, um deles tinha encerrado um jogo de paciência. O outro estava sentado, olhando um canto da parede sem, na verdade, olhar coisa alguma.

O barulho da porta abrindo com estrondo fez os dois saltarem em suas cadeiras, olhando em volta ainda perdidos. E identificaram a origem do barulho: uma mulher levava, em um carrinho de mão, um animal. Ele parecia ferido e sua respiração estava ofegante. Com suspiros fundos, indicava que estava sofrendo. A mulher tinha vindo da fazenda, moradora da linha Sertaneja, e estava desesperada por ajuda.

Os rapazes dividiram-se no atendimento. Um pegou o carrinho de mão com o animal e correu para dentro, para iniciar o diagnóstico. O outro ficou com a mulher, perguntou o que tinha acontecido, mas ela não dizia muita coisa, somente

frases desconexas, que olhou pela janela, saiu de casa, não viu nada, voltou e viu o bicho agonizando no meio do corredor. O residente tocou em seu ombro, pediu que ela se tranquilizasse e que assim que a cirurgia terminasse ele voltaria para avisar. A mulher sentou-se e agarrou com força uma sacola em que havia roupas, ou assim parecia.

O rapaz estava andando pelo corredor, com a luz de algumas lâmpadas piscando, o eco dos seus próprios passos cada vez mais alto, quando foi chamado pelo colega. Ele tinha feito um ultrassom no animal, parecia que tinha um objeto estranho alojado no estômago. Teriam de fazer uma incisão. Quando o deitaram na mesa de cirurgia é que finalmente perceberam como ele era grande: era um cachorro vira-lata, pesando praticamente cem quilos, com o pelo muito espesso e duro, pernas grossas e compridas e uma boca pouco maior que a mão dos rapazes. Ele estava anestesiado, com a língua pendendo para fora e a respiração profunda, mas mesmo assim transmitia certo temor.

Cortaram os pelos da barriga, em tufos, e esterilizaram o local. Um deles manejou o bisturi, venceu as barreiras da pele e chegou até o conteúdo do estômago. Espantou-se, pois começou a sair uma fumaça fina lá de dentro, como se tivessem derramado ácido. Quando ela se dissipou, pela cavidade, alguma coisa parecia brilhar. Pediu a pinça e, com um movimento certo, pegou o objeto estranho que aparecera no ultrassom: uma corrente com uma medalhinha prateada de São Francisco de Assis. Depositou-a na bacia, fazendo um barulho de metal. Os batimentos cardíacos do animal permaneciam estáveis, tudo entrou numa espécie de paz tensa. Não

demorou muito para que suturassem o corte e finalizassem o procedimento.

Respiraram aliviados, um levando o animal para a sala de recuperação, o outro indo chamar a mulher, possivelmente apreensiva, na sala de recepção. Ela ficou muito feliz com a notícia, agradeceu muito e perguntou da medalhinha. Ao recebê-la das mãos do residente, segurou-a e confessou: “Não sei como foi que ele engoliu, mas eu uso essa medalha como proteção para ele”. O rapaz levou a mulher até o quarto onde estava o seu cachorro e logo saiu, acompanhado do colega.

Os dois voltaram à recepção e se perguntaram se a mulher pensava em dormir ali, procedimento que não era permitido. Esperaram mais meia hora, quase três e meia da manhã, e voltaram ao quarto para ver como estavam as coisas. Foi quando ouviram o eco de passos no corredor, e dois vultos se aproximaram: a mulher e um homem usando as roupas que ela trouxera. O casal, mesmo exausto, estava muito feliz por tudo ter dado certo.

O homem agradeceu muito, e a mulher, com lágrimas nos olhos, despediu-se dos dois rapazes. Ainda acenavam quando entraram na caminhonete, com o carrinho de mão na caçamba, e voltaram para a estrada, numa noite tão limpa, com uma grande lua cheia reinando sobre todo o céu.

Depois disso, eles pediram (imploraram) para que os seus plantões ficassem em qualquer outra semana, exceto quando tivesse lua cheia, e mal saíam durante a noite. E alguns dos outros residentes até ficavam assustados quando, em algumas madrugadas, ouviam uivos altos em volta do Hospital. Se escutassem bem, talvez até percebessem ali um tom de gratidão.

Reação química

Em uma bela tarde, sem nuvens e com um sol muito quente, o professor de Química foi à universidade, como todos os dias. Chegando ao Bloco dos Professores, entrou em sua sala e ficou checando seus e-mails, preparando a aula daquela noite e, de repente, lembrou que precisava, com urgência, conferir alguns materiais na Central de Reagentes. Então levantou de sua cadeira, trancou sua sala e foi caminhando apressadamente até a Central, que ficava atrás do Laboratório 3.

Enquanto caminhava, um aluno o chamou. Não sabia se continuava a andar ou se parava para ver o que esse aluno queria. Pensou consigo mesmo que odiava ser interrompido, mas que também não deveria criar atritos desnecessários, então virou-se para o aluno e, com um meio sorriso, perguntou o que houve. Era somente uma dúvida de cálculos químicos, o que tentou resolver rapidamente, pois não queria perder tempo.

Depois de tirar a dúvida, continuou seu caminho. Quando passava em frente ao Laboratório 2, um laboratorista que estava parado na porta acenou e resolveu, também, interromper o professor. Com um sorriso estampado no rosto e tentando esconder a impaciência, perguntou como estavam as coisas, mesmo sem ter qualquer interesse na resposta. Mas o laboratorista pediu que o professor o acompanhasse até o

Laboratório 206, para verificar uma questão, “bem rapidinho”. Quarenta minutos depois, já correndo e sequer olhando para os lados, conseguiu chegar até a Central de Reagentes.

Destrancou a porta e imediatamente a fechou, pois não queria ser novamente interrompido. Quando olhou para a sala, deparou-se com algo muito estranho. No chão, a pouco mais de dois metros da porta, tinha algo vermelho, com uma aparência viscosa e parecendo pulsar. Aquilo tinha o tamanho de um gato pequeno, mas o formato era de uma ameba semi-transparente, tinha a cor vermelho vivo, como se colocasse uma bolsa de sangue contra a luz, deixando-se perceber pequenas organelas cinzas que se mexiam no seu interior.

O professor esqueceu subitamente a pressa que tinha e ficou admirando aquela coisa que, sem qualquer explicação, tinha aparecido ali. Agachou-se e, contrariando todas as normas de segurança, aproximou sua mão. O contato foi frio, mas não desconfortável, como se fosse uma bexiga d’água. Ele deu um suave sorriso e começou a levantar-se. O estranho objeto, fazendo um barulho de sucção, manteve sua mão presa.

Esforçando-se, ele tentava desvencilhar-se daquela gosma que agora tomava conta de todo o seu braço esquerdo. Gritando e com os olhos arregalados, percebeu que seu outro braço também começava a ficar vermelho, com pequenas manchas cinza que iam se formando. Uma sensação de formigamento espalhou-se por todo o seu corpo. E o professor engasgou um último grito, sentindo-se afogar em um mar de água viscosa. E tudo se tornou silêncio.

Aos poucos, a forma do corpo do professor foi diminuindo e se incorporando àquela coisa que permaneceu presa ao chão, no mesmo lugar, novamente pulsando.

Chegando a noite, o docente não apareceu na sala de aula, e os alunos acharam estranho, pois não tinham recebido qualquer aviso de que não teriam aula naquele dia. Resolveram conversar com o coordenador do Curso, mas ele também não sabia de nada. Ligaram para o telefone do professor, mas não houve resposta. Foram a sua sala, que estava trancada, sem nenhum aviso. Ligaram para sua esposa, e ela disse que o vira pela manhã. O coordenador achou aquilo muito estranho. Liberou todos os alunos e resolveu esperar o dia seguinte para tentar saber o que havia acontecido.

No outro dia, o coordenador foi à universidade logo cedo e tentou novamente entrar em contato com o professor. Sem sucesso. Então foi conversar com alguns técnicos para saber se tinham visto o professor no dia anterior. Chegando ao Laboratório 2, encontrou o laboratorista que conversara com o docente no dia anterior, e ele disse que o professor tinha ido à Central de Reagentes e não soube mais. Na mesma hora, o coordenador agradeceu e foi correndo falar com um dos vigilantes para pegar a chave.

Quando estavam chegando, uma moça da limpeza saía da Central, trancando a porta. O coordenador perguntou se ela tinha visto o professor lá dentro, e a moça responde que não. A única coisa que tinha lá dentro era uma gosma malcheirosa, mas ela já tinha resolvido. Jogou água sanitária em cima e passou um pano.

O desaparecimento do professor continua sendo um mistério até hoje. Com relação a isso, agora apenas dois técnicos possuem a chave da Central de Reagentes, e sempre recomendam que todos sigam as normas de segurança dos

laboratórios e sempre andem com um pouco de água sanitária... por garantia.

Essa história aconteceu de verdade com um professor de química da UFFS.

Aluna exemplar

Esta história aconteceu de verdade com uma acadêmica de Letras da UFFS.

Aquela moça, desde criança, tinha o sonho de ser professora. Os pais eram professores, uma irmã mais velha cursava licenciatura, enfim, o ato de transmitir e mediar conhecimentos sempre fez parte de sua vida. Aliás, muitas vezes, a mãe, pela fresta da porta, espiava a menina inventando lições ou contando uma história, como se conversasse com alguém. E se perguntava para quem ela estava dando aula, a menina prontamente respondia: “Para minha amiguinha”.

E, à medida que os anos passavam, essa vontade de ser professora foi se desenvolvendo, de modo que, quando entrou na universidade, o curso de Letras foi a escolha, pois poderia continuar desvendando histórias e costurando textos. Não havia mais tempo para brincadeiras e inventar aulas de mentira, agora já imaginava as suas futuras turmas. Dessa vez, reais.

Mas alguma coisa parecia estranha. Desde as suas primeiras apresentações de trabalhos, bastava ela começar a falar para que os demais colegas, e até mesmo o professor, sentissem uma sonolência, um torpor, quase não conseguindo manter os olhos abertos. “Será que minha voz é tão chata

assim?” – queixava-se a moça, pensando que talvez o sonho de ser professora devesse ficar somente como um sonho.

A situação agravou-se quando, no terceiro ano da graduação, ela iniciou os estágios. E, numa atividade no laboratório 105, em que uma turma de Ensino Médio visitou a UFFS, com a moça como regente da aula, uma aluna, pálida como se tivesse o sangue drenado, levantou a mão: “Não estou me sentindo bem”. E desmaiou. Outros dois alunos também desmaiaram. Um convulsionou. A professora supervisora, com certa dificuldade, chamou uma ambulância para o atendimento de emergência, mas logo que todos saíram para a área externa, respirando profundamente, o mal-estar passou.

A moça, então, queria desistir do curso. Se os seus alunos sempre sofreriam em suas aulas, ela sofreria mais ainda. Porém, antes de abandonar, sugeriram que ela conversasse com a equipe pedagógica. A assistente social da UFFS, então, pediu que a moça contasse um pouco sobre como era a sua rotina e a sua história de vida, tentando identificar alguma situação adversa. E ela contou sobre seu sonho, sobre como, quando era pequena, até criara uma amiga imaginária para ser a sua aluna...

Com isso, a assistente social propôs um teste à moça, antes de ela desistir do curso definitivamente: que fizesse a aula, em um primeiro momento, sozinha, em uma sala vazia, e só depois repetisse com os alunos no estágio ou para os colegas. A moça tentou e, nas vezes seguintes, na presença de outras pessoas, não percebeu ninguém desmaiando ou dormindo.

Mais tarde, como uma tentativa de explicação, a assistente social deduziu que a amiga imaginária de infância permaneceu com a moça, sempre esperando mais aulas. Como

elas só vieram quando ela começou a graduação, a amiga possivelmente ficou com ciúme por ter de dividir a aula com outras pessoas e tentava tirar-lhes a atenção. Por isso os alunos sentiam cansaço e sonolência. A solução seria, então, acalmar a amiga dando-lhe aulas particulares...

Essa história, na verdade, não é a única, pois muitos outros acadêmicos também tiveram amigos imaginários e brincavam, quando pequenos, de dar aulas a eles. Então, por vezes, em algumas salas de aula, acadêmicos estão fazendo apresentações diante das cadeiras vazias. Nesses casos, é favor não incomodar, pois alguns amigos imaginários são muito possessivos.

O besouro

Esta história aconteceu de verdade com um estudante de Ciências Biológicas da UFFS. Desde pequeno, ele gostava de ficar observando formigas, moscas e outros pequenos animais. Ficava maravilhado em como esses bichos iam andando pelas paredes, pelo teto, além daquela espécie de determinação que tinham, seja para buscar comida, seja para defender territórios.

Mais do que isso, ele tinha total admiração pelas asas que esses seres possuíam. No caso das moscas, quando olhava de muito perto, apertava os olhos para distinguir cada nervura, pensando que, mesmo que Deus não existisse, devia haver algo que garantisse essa atenção aos mínimos detalhes.

Por isso, nas aulas, Botânica e Microbiologia não lhe interessavam tanto. Ele gostava da vida pulsante, presente em cada inseto, e que os professores mostravam em fotos e vídeos. Mas aguardava com muita ansiedade o começo das práticas no laboratório, para poder ver, no microscópio, tudo aquilo que o olho nu não captava.

Numa das primeiras aulas de Entomologia, no Laboratório 302, o professor mostrou-se muito contente. Tinham coletado, ali, logo na entrada da mata atrás dos blocos de laboratórios, dois exemplares, vivos, de um besouro raro para aquela região do Paraná, e mesmo do Brasil. Era uma das únicas espécies

monogâmicas de insetos, e a coleta foi precisamente de um macho e de uma fêmea. Cada um parecia uma conta de rosário, não medindo mais do que um centímetro. Mas havia uma diferença fundamental: enquanto a fêmea era toda na cor marrom (apenas com alguns traços mais escuros), o macho tinha três tons de verde, todos vivíssimos.

O professor passou um vidro em que estavam os besouros entre os alunos. Muitos não prestaram tanta atenção, mas os olhos daquele estudante brilhavam, especialmente com o padrão de cores do macho. Após a observação, o professor recolheu a placa e guardou-a na prateleira dos fundos: "Farei um projeto de pesquisa sobre essa espécie. Alguns estudos falam que, quando estão na época do acasalamento, o macho procura um esconderijo para preparar o ninho, chama a parceira com estalos feitos com a mandíbula, e aí 'abraça-se' com a fêmea por dias inteiros, para a fecundação. Mas tudo ainda é teórico, nunca foi possível verificar isso na prática."

A aula desenvolvia-se normalmente, mas o estudante não conseguia tirar os olhos da prateleira e dos besouros. O verde do macho parecia ter um padrão hipnótico, que lhe chamava. No intervalo, quando o professor saiu, ele levantou-se, foi pé ante pé à prateleira e, com uma pinça, pegou o besouro para observá-lo no microscópio. Mal teve tempo de virar-se e o inseto abriu as asas, de tons azulados, e deu um voo completo ao redor do rapaz. Não é possível descrever a alegria que ele sentiu, diante do espetáculo daquelas asas. Também não é possível descrever a surpresa e o desespero, quando o besouro deu um voo rasante e mergulhou dentro do seu ouvido esquerdo.

Ele foi sentindo o inseto rastejar por toda a extensão do seu ouvido. Imediatamente deu um grito, pulou do banco em que estava sentado e começou a balançar a cabeça e tentar alcançar o bicho com seu dedo. Os outros estudantes se assustaram, o professor voltou correndo para o laboratório, mas ninguém entendia o que estava acontecendo com o rapaz, que só gritava e os encarava com olhos saltados.

O professor olhou em volta e percebeu que apenas o besouro fêmea estava no vidro. Não precisou de um grande raciocínio para deduzir que o besouro macho havia sido incomodado e agora estava alojado no ouvido do rapaz. Sem perder tempo, chamou alguns estudantes para que tirassem os microscópios da bancada e deitassem-no com a cabeça virada para o lado. Enquanto isso, pegou com uma pinça o besouro fêmea e usou um fino fio de nylon ao seu redor, fazendo uma forma de isca.

“Por sorte ainda não ouvimos os estalos, então ele não começou a cavar o seu ninho.” Os olhos do estudante pareciam que iam saltar para fora e ele tremia como se estivesse em convulsão. “Vou pedir que você fique totalmente imóvel agora. Se tudo der certo, o macho vai se juntar à fêmea e posso puxar os dois para fora.” E falando para os demais: “Mantenham a cabeça dele firme.”

Com muito cuidado e destreza, o professor deixou que o besouro fêmea comesse a entrar no ouvido direito, mas mantendo o fio seguro em sua mão. Não havia o menor som em todo aquele laboratório durante quase um minuto, parecia que todos tinham parado de respirar. Quando houve uma pequena tensão no fio, o professor acenou com a cabeça, piscou os olhos duas vezes e puxou o fio com força. Fazendo

uma parábola, a extremidade do fio estava tomada por duas pequenas bolas: uma marrom e outra verde. Todos gritaram aliviados e bateram palmas.

O professor limpou uma gota de suor da testa e reparou que o fio, agora, não tinha mais nada na ponta. Ainda conseguiu ver, na extremidade do laboratório, bem próximo às janelas, os dois besouros achando uma pequena brecha e sumindo pelo forro.

Mas isso era um detalhe, pois o estudante, após esse susto, ergueu-se e ficou sentado sobre a bancada. Todos perguntaram se ele estava bem, se não estava tonto ou sentindo algo estranho. “Não, agora estou bem. Acho que foi mais o susto.” Instintivamente, levou a mão ainda uma vez ao ouvido esquerdo, como para certificar-se de que não havia um besouro lá. Foi quando lhe ocorreu: o bicho entrara pelo lado esquerdo, mas o professor o tirou pelo lado direito...

Ele trancou a matrícula algumas semanas depois, não porque teve alguma complicação neurológica, mas porque toda vez que alguém olhava sua cabeça de lado, contra a luz, percebia um brilho lá no fundo do ouvido.

E o casal de besouros? Desde que entraram no forro, não foram mais encontrados, embora alguns laboratoristas tenham ouvido estalos por lá de vez em quando.

Occidere eos

Era o primeiro dia de aula, os acadêmicos andavam e entravam nas salas, iam à cantina, conversavam e sorriam. Entre os “calouros”, uma moça dócil, meiga, tímida, com seus cabelos cor de mel, olhos miúdos e sorriso metalizado. Mas era feia. Parecia pagar pelos pecados dos seus pais, mesmo não tendo cometido os seus próprios.

Ao entrar pela primeira vez na sala de aula, deparou-se com um homem alto, moreno, de olhos castanhos e sorriso largo. Do encontro, o resultado foram cadernos ao chão e risos de um grupo que observava a cena a distância. O rapaz não lhe deu atenção, apenas desculpou-se apressadamente e saiu. Alguns a olharam com pena, outros nem isso. Ninguém a ajudou. Devido ao seu problema de coluna, teve de se contorcer para alcançar os seus cadernos, apoiando-se na parede. Respirava com dificuldade quando se sentou na cadeira da primeira fila. O esforço a fez corar e ainda mais a vergonha de ouvir risadas que tentavam disfarçar.

Os risos penetravam em seus tímpanos como agulhas a lhe furarem a fina membrana, quase sangravam, como em um perpétuo e contínuo castigo a arrancar-lhe um pedaço do corpo. Assim foi, dia após dia. E os risos pareciam o som do bater do bico de um corvo numa vidraça, seu coração endurecia,

seus olhos ardiam, vermelhos. Volta e meia, mesmo quando sozinha, ouvia risos abafados e olhares desdenhosos. Sentia por si mesma um ódio mortal. Não podia crer que aquela tortura que havia passado por anos no ensino médio se repetiria.

No quarto que alugara não havia espelhos, encarar-se parecia alimentar ainda mais o desprezo por si mesma. Sempre que caminhava com dificuldade, olhava através dos óculos fundo-de-garrafa que lhe pesavam sobre o fino nariz. Os risos não cessavam, e seus ouvidos doíam cada vez mais, ao passo que sua coluna se dobrava como um caracol, suas costas a faziam curvar-se e sangrava. Não sabia onde, mas sangrava.

Ir para a universidade tornou-se um calvário, mas ficar em seu quarto, sozinha, parecia pior. Todos os dias fazia o mesmo caminho para casa e o fazia a pé, pois não tinha coragem de ir no ônibus que levava os estudantes. Durante o trajeto, recebia risos imaginários como companhia, vindos da angústia, da raiva por ser feia, da raiva que crescia em seu coração e em sua mente.

Ao chegar em seu quarto, as paredes pareciam movimentar-se e cada vez mais se sentia sufocar. A brancura das paredes a sufocavam e começou a ouvir vozes, cada vez mais insistentes, que, pelo menos, silenciavam os risos dos outros. Noite adentro, permanecia sentada em sua cama, a murmurar uma frase numa língua estranha, mas repetida incessantemente por aquelas vozes: *Occidere eos! Occidere eos!* Descobriu que era latim, em uma aula, quando viu um texto sobre uma espécie de planta e o professor leu o nome em voz alta.

Já era julho, fazia frio, chovia e o uivo vindo das janelas denunciava que, fora daquelas paredes, ventava. Alguns acadêmicos ficaram de recuperação: sete pessoas. Entre os que

ali estavam, a pobre moça, mas nem ao menos entendia o que estava fazendo, pois há muito tempo não prestava mais atenção nas aulas. Os outros seis eram justamente aqueles que riam de tudo, inclusive eram deles as risadas abafadas que ela ouvia durante o semestre.

O professor entrou na sala, mas logo precisou sair, pois foi chamado por outro aluno no corredor. Quando voltou, encontrou os alunos rindo, ela em silêncio, mas não estranhou, pois aquela moça sempre se mostrava tímida e centrada. Lembrou-se que, naquela idade, ele também era do grupo dos quietos, tranquilos e envergonhados. Começou a falar de como tinha organizado a prova e entregou-a aos alunos. No entanto, percebeu que uma das questões não estava legível. Provavelmente, por não ter trocado o toner da impressora por um novo. Então, começou a transcrevê-la no quadro branco. Ela estava sentada, sozinha e não ouvia mais a fala do professor, não conseguia erguer o olhar, seu cérebro parecia querer arrebentar-lhe o crânio e explodir, manchando de vermelho aquelas paredes brancas, insuportavelmente brancas. De repente, sentiu uma força surreal, pegou a tesoura que tinha no estojo cor-de-rosa e, com uma agilidade oriunda da raiva que corria pelas veias daquele corpo cada vez mais debilitado, levantou-se.

O professor virou-se com o barulho e, com as costas empurrando o quadro contra a parede, ficou estarelecido, tomado pelo pânico, não acreditando no que seus olhos viam, sentindo gotas de sangue que espirravam em seu rosto. Via aquela aluna com o rosto em chamas atravessar a sala e, com destreza, perfurar os olhos dos colegas, cortar o rosto deles. E ria, ria e parecia dançar! Sentia sua coluna organizar os ossos e sentia-se a mais bela entre todas. Gritava: – Occidere eos! En-

quanto suas mãos marcavam de vermelho as paredes brancas, o sangue pintava-lhe os lábios, dava-lhe novas energias, num turbilhão delirante. Não ouvia mais os risos, seus ouvidos não doíam mais, sentia-se linda. Ao fim, acercou-se da porta, olhou para o professor, deu-lhe um sorriso enigmático. O professor quase não respirava, olhava para a porta e para aquele obstáculo que impedia sua passagem. Sentiu um arrepio tomar-lhe conta do seu corpo.

Com os olhos fixos no professor, deu passos suaves para trás, encostando suas costas no parapeito do corredor. Abriu os braços e caiu do último andar do bloco A. Sentiu que seu corpo cortava o ar, sentiu a face gelar-se de encontro ao piso frio, extremamente frio, os olhos a perder o brilho. Estava cercada de pessoas, não se sentia só. O saguão coloria-se de um vermelho vivo com o fluido da vida a escapar-lhe do corpo.

Todos comentavam a cena horrível que foi pintada naquela sala de paredes brancas. Renderam-se homenagens aos mortos. Pessoas, flores, velas, cartazes criavam um altar improvisado na entrada da universidade. As flores apodreciam e exalavam um odor de morte que impregnava as narinas, dia após dia e noite após noite. Devido aos acontecimentos, antecipou-se o fim do semestre. Quando as aulas recomeçaram, as paredes da fatídica sala já estavam lavadas e pintadas, embora, se alguém olhasse fixamente para alguns pontos do teto, ainda encontraria manchas escuras. E, em noites de vento, algumas pessoas dizem ter ouvido vozes ecoando pelos espaços vazios: mors sumus!

Essa história aconteceu de verdade com uma aluna da UFFS e por meses a mídia cobriu os acontecimentos. E as mortes permanecem um mistério, obscuras e sem sentido para aqueles que apenas serviram de espectadores do fato.

O elevador

Durante a madrugada, é comum escutarem-se barulhos no Bloco A. Isso ocorre, porque durante o dia toda a estrutura de ferro e tijolos se dilata, devido ao calor e, à noite, ela se contrai, devido ao frio. São fenômenos físicos facilmente explicáveis pela ciência.

Mas em uma determinada noite, perto das três horas da madrugada, com os vigilantes se preparando para tomar um chimarrão e espantarem o frio, o barulho que ouviram do lado de fora não era de contração térmica.

Uma mulher veio vindo na direção da entrada do Bloco A, acenando com os braços abertos. Logo os quatro vigias abriram as portas de vidro, e a mulher, vestindo um casaco preto que lhe cobria praticamente todo o corpo e usando um capuz que apenas deixava ver um par de olhos azuis, contou a razão de estar ali, àquela hora: “Meu carro estragou logo ali em frente, vocês teriam o telefone de algum mecânico?”

Os quatro, muito atenciosos, dividiram-se: dois foram procurar o telefone de algum mecânico conhecido, que poderia ajudá-la de madrugada, enquanto os outros dois lhe faziam companhia. Como estava muito frio, sugeriram que ela esperasse no saguão.

Um dos vigilantes telefonou e conversou com um amigo que poderia arrumar o carro da mulher. Levaria meia hora até ele chegar. A mulher, então, perguntou se não poderia conhecer os outros andares da UFFS, pois nunca tinha entrado ali.

Um pouco sem jeito, os quatro explicaram que, como era de madrugada, as ordens eram de que ninguém estranho poderia entrar no prédio e circular lá dentro. Ela deu uma risada inocente: “Mas eu não sou estranha e já estou aqui dentro...”. Ela tirou o capuz e mostrou que, além dos olhos azuis, tinha cabelos loiros e um sorriso encantador. Os quatro, ainda mais envergonhados, reiteraram a fala de que, infelizmente, não poderiam deixá-la subir, mas se ela quisesse voltar durante o dia ou mesmo à noite, durante o período de aulas, com certeza eles teriam muito gosto em acompanhá-la. Ela sorriu em retribuição e sentou-se para esperar o mecânico.

Alguns minutos depois, aproveitando um momento de distração, ela sorratamente apertou o botão do terceiro elevador, mais afastado da área dos vigilantes. Eles só perceberam quando o apito soou e as portas se abriram. Não conseguiram impedir que o elevador fechasse, com a mulher lá dentro, sorrindo como se pedisse desculpas pela travessura.

Rapidamente, eles correram pelas escadas, parando um em cada andar, de modo a encontrar a mulher, independentemente do andar em que ela saísse.

O vigilante que, pulando de dois em dois degraus, chegou até o quarto andar, puxando o ar com mais força, ouviu quando o apito avisou a chegada do elevador. Quando as portas se abriram, a mulher não estava lá. Ele foi até o parapeito e gritou aos colegas se enxergaram a mulher. Nenhum deles a tinha visto.

Estavam em alerta, tentando entender o que aconteceu, quando o mecânico que tinha sido chamado apareceu, perguntando onde estava o carro, pois não tinha encontrado nenhum na entrada da UFFS.

Essa história aconteceu de verdade com os vigilantes da UFFS.

Às vezes, algum dos elevadores apita, indicando que chegou a um andar, mesmo sem ninguém lá dentro, e barulhos ocasionais continuam acontecendo, possivelmente pela dilatação térmica. Mas todos os vigilantes evitam contar essa história e tentam trocar de assunto, quando alguém menciona que o elevador 3 está com defeito. Na dúvida, eles aconselham sempre a subir pelas escadas.

A luz escarlate

Esta história aconteceu de verdade com dois discentes da UFFS, que misteriosamente desapareceram na noite do dia 27 de novembro, após partirem rumo à mata localizada atrás dos laboratórios do campus Realeza, indo na direção de uma estranha luz de um vermelho vivo, escarlate.

Desde o primeiro dia de aula, os olhos verdes de uma moça raptaram o coração de um colega. Ele, com uma natureza tímida, não sabia o que dizer, nem como dizer, nem por que dizer qualquer coisa para ela. Só um ano depois conseguiu sentar-se mais próximo, realizar algumas atividades de sala em grupo, marcar encontros de estudo com ela e mais outras pessoas. Nesse grupo, um outro colega de turma, por ser mais extrovertido, conseguiu conquistar aquela moça e começaram um namoro. Porém, o rapaz tímido não se deixou abater. Se ela estava feliz, e parecia que sim, pelo brilho que se via nos olhos dela, ele estaria feliz.

E assim os anos passavam. Os dois tornaram-se grandes amigos. Mas o rapaz mantinha aquele amor platônico, idealizado, destinado a ser espiritual. A moça permanecia alheia de todo esse sentimento de que era musa. Gostava daquele rapaz, pois podia conversar com ele de modo franco, sempre estava em disponibilidade e, nas raras ocasiões em que não se

falaram (uma viagem, uma doença, uma revolta), ela sentiu-se perdida por não ter aquele interlocutor.

O único que não só percebia, mas sentia certo incômodo com a situação era o namorado. Ao mesmo tempo em que sabia da importância que aquele rapaz tinha para a sua namorada, tinha grandes ciúmes, pensando que ele poderia representar uma ameaça. Por isso, no terceiro ano de graduação, num momento em que estavam somente os dois homens, indo para o Laboratório 1, ele segurou o rapaz pelo braço e falou, com firmeza e força: “Eu já reparei em como você olha para ela. Acho que a universidade inteira já reparou também. Como eu sei que vai ser um problema vocês simplesmente pararem de falar, porque ela vai querer saber o motivo, quero dizer que, se você tentar qualquer coisa além disso, vai levar uma surra”. O rapaz, sem saber o que dizer, apenas concordou com a cabeça. “Aliás, mesmo que você tentasse alguma coisa, nem ia adiantar. Você é um irmão para ela, e só”.

Essa angústia do amor a distância, mesmo com ela tão próxima, continuou a consumi-lo. Além dos olhares atentos do namorado a cada gesto que fazia.

Eis que chegou o último semestre do curso e, com ele, aquele sentimento estranho de despedida antecipada. No dia 27 de novembro, uma sexta-feira, a sua turma teria aula no Laboratório 106, e o rapaz e os namorados foram juntos para lá. Estavam atrasados, por isso foram rápidos. Ao chegarem, não havia ninguém, a porta estava fechada e o longo corredor parecia interminável. Já não havia mais a luz do sol, entrando naquele momento de penumbra, em que as sombras começam a se alargar. Acharam estranho essa ausência de pessoas.

O namorado disse que tinha de ir ao banheiro, depois procurariam os colegas e a professora. Antes de entrar no banheiro, lançou um último olhar ameaçador, não percebido pela moça, em direção ao rapaz, que logo baixou a cabeça. Os dois ficaram esperando. A moça começou a falar sobre o relatório de estágio, mas o rapaz só admirava aqueles olhos verdes e pensava que o tempo de se declarar estava terminando. Mesmo que apanhasse, mesmo que perdesse aquela amizade, mesmo que nunca mais eles se encontrassem, era preciso aliviar aquela angústia que vinha se arrastando há tantos anos.

Quando ele disse o nome da moça, ela deu um grito assustado. Uma mariposa, passou sobre o rosto dela, deu três voltas ao redor de suas cabeças e, voando de modo impreciso, caiu sobre o bebedouro. Ambos olharam para o inseto, que devia ter o tamanho de três dedos juntos, e que estava se debatendo numa pequena poça de água. Um pó vermelho, brilhante, desprendia-se e boiava. O rapaz e a moça pareciam hipnotizados pelo bater das asas e pelo pó que se dissipava.

Foi então que o olhar de ambos se desviou alguns centímetros para o lado e viram, por trás da porta de vidro dos fundos do Laboratório 1, uma luz vermelha. Primeiro estava suave e distante, como se fosse uma lanterna que estivesse além da mata ao fundo. Mas ela crescia, em tamanho e intensidade, tornando-se uma bola escarlata que parecia pulsar, revelando, em seu interior, uma estranha forma humanoide. Não se conseguia ter contornos nítidos, mas o ser possuía um corpo magro, pernas e braços finos e compridos e uma cabeça lisa e pequena.

Os dois mal conseguiam mover a cabeça, somente as pernas, quase sem o pensamento perceber. Estavam indo

em direção àquela luz e rumo à escuridão da noite e da mata fechada. O ser envolto na luz vermelha, com os longos braços abertos, ia se distanciando aos poucos, guiando o caminho de terra e grama até as árvores. Acompanhava aquela visão um som tão melodioso, tão agradável e encantador, que quase fazia lágrimas descenderem das faces dos acadêmicos, como se fosse a mais bela composição humana ou divina já executada.

Quem primeiro entrou na mata foi a moça, com o rapaz logo em seguida. A luz se insinuava atrás de uma grande árvore, com um tronco de quase dois metros de diâmetro. Contudo, após alguns passos naquela direção, o brilho vermelho foi diminuindo, até se extinguir. A moça parou subitamente. O rapaz ainda deu alguns passos, olhou por detrás da árvore, mas não enxergou nada. Como se acordasse de um transe, o rapaz olhou em redor e não entendia como tinha chegado ali. Falou para a moça que tinham de voltar para o Laboratório, mas a moça, baixando a cabeça, arregalou os olhos: “Estou presa!”

Realmente, seus pés estavam enterrados fundo, com a terra na altura da canela. Ela curvou-se para cavar a terra ao redor, mas logo ergueu os olhos verdes agora estáticos de um terror desconhecido. Das pontas de seus dedos, pequenas folhas brotavam, e sua pele começou a apresentar veias grossas, marrons e a ficar dura, como casca de árvore. O rapaz, diante de tal acontecimento, começou a gaguejar, misturando suspiros e soluços, e disse, numa torrente de palavras, que ia salvá-la de algum jeito, que não conseguiria viver sem ela, que desde o primeiro dia de aula não conseguia pensar em outra coisa senão em seus olhos verdes, em sua boca, enfim, em como a sua própria felicidade estava condicionada a ela ser feliz, e ser feliz com ele.

Em algum momento durante toda a fala do rapaz, a moça deixara de ouvir. Ela ficou imobilizada, transformada em uma árvore, e crescendo e crescendo, até ficar com um formato semelhante ao da outra árvore que ali estava, logo ao lado. O rapaz ainda se ajoelhou e abraçou aquele tronco, chorando lágrimas de angústia. Foi quando sentiu um calor vindo de suas costas e, quando se virou, a luz escarlate estava tão clara, tão brilhante, tão perto. Sentiu-se envolvido por tudo aquilo, num misto de amor e tristeza, e começou a diminuir, até que desapareceu, dentro daquele feixe luminoso.

O namorado, quando saiu do banheiro, ainda conseguiu ver os dois andando em direção à mata. Tentou chamá-los, mas eles não o ouviram. Quando tinha pensado em ir atrás, a luz vermelha começou a brilhar, e ele, não conseguindo segurar os gritos, correu até o Bloco A, pediu ajuda e tentou explicar algo que ele não sabia explicar. Enlouqueceu uma semana depois. Os dois estudantes não foram mais localizados, apesar das muitas buscas realizadas.

A Direção do Campus, diante dos fatos inexplicáveis, tomou a única atitude possível: não deixa mais a porta traseira dos laboratórios aberta.

Passagem do tempo

Esta história aconteceu de verdade com um professor de Física da UFFS.

Em todos os seus anos como docente, e já eram quase três décadas, bastava olhar de relance a turma no primeiro dia de aula para perceber com quais alunos ele se identificaria e quais mal lembraria os nomes. A Física, especialmente a Mecânica Quântica e a Teoria da Relatividade, seus objetos de estudo, não eram assuntos com os quais todos se envolviam. E, para o professor, não havia problema nisso. Ele sabia que muitos iriam para outros ramos da Física, mas os que se deslumbrassem (como ele se deslumbrara, quando era aluno) jamais o esqueceriam.

Quando estava na graduação, sentiu essa identificação com um de seus professores. Passava horas conversando com ele. Não somente sobre Física, mas sobre sua vida, histórias de sua infância etc. E aquele professor ouvia as suas histórias com muita atenção, inclusive complementando que o mesmo tinha acontecido quando ele era acadêmico, e que também teve um professor...

Seus devaneios foram interrompidos quando entrou na sala de aula. Saudou todos os alunos, já notando alguns que olhavam para fora, como se quisessem estar em qualquer

outro lugar do universo ou dos muitos universos, outros que afiavam os lápis e escreviam no caderno algumas palavras quaisquer e outros que se arrumaram nas cadeiras, à espera de começar a aula.

Mas um aluno, no fundo da sala, chamou sua atenção. Foi a armação dos óculos ou o modo de arquear os ombros, enfim, alguma coisa, ainda abstrata, o incomodou.

A noite passou com a aula transcorrendo normalmente. Quando chegou em casa, começou a olhar um álbum de fotografias (sim, ele ainda tinha esse elemento analógico que, mais do que a tela de um computador ou celular, mostrava a sua saudade de forma concreta). Vendo as suas fotos da época de graduação, levou um susto. Lá estava o mesmo aluno que chamou sua atenção, olhando e sorrindo timidamente para a câmera, com os mesmos óculos de armação grossa e os ombros arcados. A foto de sua juventude estava materializada em um rapaz que começara a cursar Física na UFFS.

Na noite seguinte, voltou àquela sala de aula, mas não encontrou o aluno. Ficou pensando que foi apenas uma ilusão de óptica, porém, quando chegava ao Bloco dos Professores, o rapaz estava sentado à sua espera. “Professor, adorei a sua aula de ontem”. Pego assim, de surpresa, agradeceu. O aluno disse que a área da Relatividade sempre tinha lhe interessado, até leu um pouco sobre isso, mas queria saber mais e pedia indicações de livros.

O professor ficou muito espantado. Aquela energia para ler, aquela vontade de conhecer mais sobre um assunto era muito parecida com a força que o movia quando era estudante. Lembrou-se de quantas vezes importunou o seu professor com suas leituras, suas descobertas (“Incômodo nenhum, rapaz,

sempre é bom conversarmos sobre Física”). A única tristeza que tinha dessa época foi quando o seu professor, por um ataque fulminante do coração, caiu morto na sua biblioteca, por cima de vários livros abertos. Mas isso se mostrou como um incentivo a mais para seguir os passos dele, tornando-se um professor que, mesmo que não fosse tão bom, ao menos se esforçaria para sê-lo.

Por isso se empenhou em compartilhar o ânimo do aluno, incentivando-o a ler alguns livros introdutórios, convidando-o para auxiliar em alguns experimentos etc. Já pensava em chamá-lo para ser monitor, quem sabe até bolsista em alguma pesquisa. Assim, passar adiante essa necessidade física que sentia de descobrir e investigar. Até deu-lhe um livro de presente, “A teoria da relatividade especial e geral”, de Albert Einstein, com a dedicatória: “Que os mistérios do mundo lhe inspirem a seguir buscando as maravilhas que ainda estão à espera”.

Alguns meses depois, num dia em que o aluno estava ajudando a elaborar uma fórmula, o seu celular tocou. Ao se despedir, disse um nome que o professor julgou familiar e perguntou quem era. O aluno respondeu: “Minha irmã”. O professor espantou-se, pois era também o nome de sua irmã. Na sequência, perguntou o nome de sua mãe, de seu pai. E cada resposta lhe dava um susto maior, pois as coincidências não eram apenas pontuais, mas beiravam uma espécie de paradoxo espaço-temporal. Quis saber até onde iriam as coisas e perguntou como foi a sua infância, os nomes das namoradas, viagens que tinha feito. Quanto mais informações vinham, mais estranha a situação inteira parecia.

As margens da loucura foram atingidas quando, vendo uma pequena cicatriz no pulso esquerdo do aluno, perguntou como aconteceu aquilo. O rapaz contou o acidente, à beira de uma piscina, quando escorregou e cortou-se numa pedra. O professor ficou estático e puxou a manga de sua camisa, para esconder a sua própria cicatriz do pulso.

Nos dois dias seguintes, fechou-se na sua biblioteca. Procurou em todos os seus livros, artigos, estudos, alguma coisa que pudesse, minimamente, explicar toda aquela situação. Não era possível a repetição do tempo, feita em contextos diferentes e, pior ainda, com ele tendo a real consciência de que ele era uma etapa dentro daquele loop. Pegou um livro numa prateleira mais alta e, sem perceber, uma fotografia caiu. Abriu o seu exemplar de “A teoria da relatividade especial e geral” e, arregalando os olhos, leu a dedicatória que seu professor tinha escrito: “Que os mistérios do mundo lhe inspirem a seguir buscando as maravilhas que ainda estão à espera”. Com as mãos tremendo, abaixou-se para pegar a fotografia. Sorrindo para a câmera, estavam ele e seu professor. Mas poderia muito bem ser uma foto dele com seu aluno.

Sentindo um forte aperto no peito e um formigamento no braço esquerdo, caiu no chão, com grande falta de ar.

O ataque do coração foi fulminante. Toda a universidade ficou transtornada, seus alunos fizeram muitas homenagens. Especialmente o seu aluno que, diante dos incentivos constantes que seu professor lhe deu, já estava decidido a seguir carreira acadêmica, como professor.

O quinto andar

Não há muito o que se fazer na Universidade quando não se está nas salas de aula. Pode-se ir à biblioteca, ficar conversando nos bancos, olhando as pequenas coisas que vão se sucedendo no tempo parado.

Com o ônibus vindo somente ao final da tarde, com as aulas já encerradas e sem nenhum colega por perto, o estudante pensou em matar os minutos jogando pingue-pongue na salinha que montaram no quinto andar. Talvez o saguão deserto fosse apenas indício de que alguns alunos estariam lá.

Subiu todas as escadas, deu três leves batidas no corrimão, antes de chegar à última porta. Do lado de dentro, podia-se ouvir o barulho característico da bolinha de pingue-pongue batendo, então ele se animou e girou a maçaneta. A porta abriu e, em vez de encontrar duas ou mais pessoas jogando, encarou apenas um silêncio pesado e um feixe de luz projetado, com partículas de poeira dançando.

Andou devagar, apenas para certificar-se de que não havia ninguém mesmo, quando, na direção do canto direito, começou a se fazer ouvir, muito baixo, quase como um sussurro, um choro ou, pelo menos, um lamento muito triste. Arriscou mais alguns passos e foi quando viu, semiocultada pela parede,

agachada, uma mulher usando roupas brancas, com as mãos postas sobre o rosto coberto pelos compridos cabelos pretos.

Com certo temor e receio de ser incomodativo, aproximou-se para saber se ela precisava de ajuda. Ela ergueu-se de repente e gritou: “Sai!” As mãos da mulher se afastaram, revelando um rosto que estava totalmente machucado, escurecido. A boca era uma chaga aberta, sem dentes. Os olhos, dois poços nos quais nenhuma luz entrava ou se refletia.

O susto do rapaz foi tão grande que desceu a escada de quatro em quatro degraus. Tropeçou e rolou, batendo a cabeça na parede e ficando com o rosto virado para a porta do quinto andar. Muito devagar, como se usasse o intervalo de várias horas, um braço branco, tomado por veias azuis, esticou-se e foi fechando aquela porta, sem qualquer ruído.

Ainda tonto da queda, o estudante desceu mais um andar, quando achou dois vigilantes, que subiam para verificar o que tinha sido aquele barulho. Falando coisas desconexas, “uma mulher... bolinha... gritando... cabelos”, apontou para a porta e afastou-se do caminho.

Os vigilantes abriram a porta com cuidado, abriram as janelas, vasculharam os cantos todos, mas nada encontraram. Quando um deles estava saindo, sem querer, chutou uma bolinha de pingue-pongue que estava no chão, e ela foi quicando os degraus todos, num ritmo sereno e inocente.

Os vigilantes ficaram desconfiados, mas não deram muita importância ao fato. Possivelmente o rapaz estava imaginando coisas. Mas ele, por via das dúvidas, a partir desse dia, resolveu passar o tempo e exercitar suas habilidades em partidas de xadrez, mais calmas, sem sustos e, principalmente, no térreo.

Essa história aconteceu de verdade com um estudante de Medicina Veterinária da UFFS.

Movimentação suspeita

Era uma noite como outra qualquer. Não havia mais alunos, nem professores, nem técnicos. A equipe de vigilantes preparava um chimarrão para enfrentar o frio que ia se anunciando no vento lá fora e nos uivos que escapavam pelas frestas. Todos eles vestiam seus casacos, não tanto por sentirem frio, mas como forma de conterem arrepios ocasionais. A lua estava em crescente, dando alguma luz, mas não muita.

A meia-noite passara há muito tempo, e um dos vigilantes que tinha saído em ronda estava demorando. Os outros dois começaram a se perguntar se alguma coisa tinha acontecido: “Pelo tempo, dava para fazer duas rondas”. Nos segundos que se passaram, a respiração de ambos podia ser ouvida. Foi quando o barulho do rádio os despertou: “Base na escuta?” O susto foi apenas momentâneo, muito mais devido ao vento do que ao rádio. “Base na escuta. Câmbio!” “Preciso de ajuda aqui. Vi movimentação atrás do laboratório três, mas minha lanterna não está funcionando.” “Mas quer ajuda para quê?” “Venha alguém, rápido”. O rádio emudeceu.

Os dois vigilantes da base olhavam sem reação para o aparelho. Não que estivessem esperando uma nova chamada, mas o modo de falar do colega demonstrava apreensão, angústia, medo, talvez. Eles se olharam e, sem qualquer palavra,

perguntavam qual dos dois ajudaria o outro. Não podiam ficar ali muito tempo sem reação, pois algo grave poderia estar acontecendo atrás dos laboratórios com o colega.

O mais destemido ou, pelo menos, o menos nervoso pegou sua lanterna, testou antes, e foi em passo acelerado pela passarela traseira do Bloco A, rumo ao Laboratório 3.

Com sussurros, foi chamando o colega, apontando o facho de luz para o chão, para não chamar muito a atenção. Nos fundos do prédio, encontrou o outro vigilante, totalmente encostado à porta de vidro, como se quisesse atravessá-la só se apertando contra ela. Seu olhar estava petrificado, encarando a mata que despontava por trás da Central de Reagentes. Ao ser perguntado o que aconteceu, gaguejou algumas palavras soltas: “Era uma vaca... Ou cavalo... Era grande... Passou... Lá... A lanterna...”

O colega tentou acalmá-lo. Podia ser apenas a imaginação, devido ao vento ou à luz fraca da lua, enfim, deveria haver uma explicação racional. Pensando que era dever deles, como vigilantes, garantir a segurança do patrimônio da universidade, respiraram fundo e os dois foram andando até o limite da mata, agora com a lanterna em punho, apontada diretamente para as árvores próximas.

Só se conseguia ouvir o vento deslizando nas folhas, a grama sendo amassada pelas botas e as batidas frenéticas dos corações deles. O círculo amarelado da lanterna movia-se de um lado para o outro, tremendo (“é o frio, é o frio”). Não havia movimento, nem sinal suspeito.

Alguns minutos depois, já menos apreensivos, concordaram em voltar à base.

Quando deram meia-volta, ouviram o barulho de cascos, como se três ou quatro cavalos estivessem galopando na direção deles. Acompanhado disso, alguma coisa que parecia um choro não humano, ou talvez uma risada, ou a mistura das duas coisas. Não tiveram dúvidas: as portas do laboratório estavam todas fechadas, tudo estava seguro, menos eles... então correram no desespero de mil pernas, a lanterna abandonada, o Bloco A parecendo estar a quilômetros de distância.

Voltaram à base, mal conseguindo respirar. O vigilante que tinha ficado lá, vendo o estado dos colegas, esperou para poder perguntar o que houve. Eles explicaram por alto, sem saber direito o que havia para explicar. O outro arregalou os olhos. “Então é verdade o que contam...” Os dois pararam de falar e o encararam, pedindo que continuasse: “Dizem que aqui na região, há muito tempo, havia pessoas que faziam torturas contra os moradores daqui. Era coisa bruta. Pegavam uma pessoa e quatro cavalos, um para cada braço e perna. Aí davam chicotadas nos bichos, indo um para cada direção. Dizem que esses corpos nunca mais eram encontrados...”

Os três se entreolharam. Aquele que foi primeiro levantou-se, pegou o livro de ocorrências para escrever a ata e segurou a caneta. O que escrever? “Diga que achou que viu uma movimentação suspeita atrás do Laboratório 3, foi até o local e não encontrou nada.” “É melhor assim...”

Depois daquela noite, as rondas feitas durante a madrugada se tornaram muito mais rápidas, especialmente atrás do Laboratório 3. E, se alguém reparar na ata que o vigilante redigiu, perceberá que a expressão “movimentação suspeita” foi escrita com uma letra tremida.

Essa história aconteceu de verdade com os vigilantes da UFFS.

O espelho

Esta história aconteceu de verdade com uma professora da UFFS.

Após uma noite de aulas, enquanto caminhava a passos curtos para o Bloco dos Professores, ela suspirava, mas não de alívio. Havia dentro de si, desde a semana anterior, um peso, uma angústia inexplicável. A professora esforçava-se para manter uma aparência de normalidade, mas alguns alunos pareciam perceber esse incômodo e conversavam com ela. Alguns colegas também. Mas tudo com certa distância, afinal, a vida pessoal de cada um não diz respeito aos outros...

Nenhum outro professor estava ali. Percorreu o corredor do segundo andar, desceu as escadas e viu o vigilante, que aguardava a sua saída do Bloco, segurando a chave da porta principal nas mãos. Ele ensaia um sorriso, meio a furto, e dá uma despedida. "Boa noite, professora, quer que lhe acompanhe até o carro?" Ela aceita a gentileza, pois nunca se sabe o que se pode encontrar no estacionamento. O barulho das pedras se insinuava. "Sempre sou eu que fecho o Bloco. O meu colega não gosta de vir aqui tão tarde. Diz que não sente boas vibrações". A professora deu um sorriso triste. Não acreditava nessas coisas, nem dava muita importância ao plano espiritual. Para

ela, religião ou ocultismo eram somente tentativas humanas de dar sentido a algo inexplicável, por ser inexistente.

Ela entrou em seu carro, despediu-se do vigilante e foi para casa. Durante todo o caminho, uma melancolia nublou seus olhos. Estava se sentindo anestesiada, como se uma droga estivesse atuando sobre seu corpo, mas era apenas a tristeza de estar longe da capital. Às vezes tinha essa nostalgia, que ia crescendo até se tornar uma ânsia de regressar.

No dia seguinte, logo cedo, a campainha tocou. Era uma encomenda: um espelho da sua altura, com uma moldura dourada, quase barroca, que ela comprara num estranho antiquário da capital, pensando em decorar a sua sala no Bloco dos Professores. Alguns docentes colocavam quadros, outros tinham prateleiras (muitas) com livros (muitos), mas nenhum tinha um espelho e ela achou que seria interessante trazer esse toque original e criativo para dar presença à sala. Havia um bilhete colado ao vidro: “Uma forma de trazer Curitiba até você – ou você até Curitiba”.

No início da tarde, ela levou um martelo e instalou o espelho. Uma colega que passava voltou e se impressionou com a beleza do objeto, tinha um ar antigo, de um outro tempo e lugar. Isso fez com que a professora se lembrasse da conversa do vigilante, no dia anterior. E terminou ironizando que, naquele Bloco, deveria ter “algo a mais”. Mas a outra professora tomou um ar fechado e sombrio: “Não acho sem sentido o medo daquele vigilante. A Universidade pode ter poucos anos de existência, mas guarda muitos segredos. Além do mais, o lugar é afastado do meio urbano e pode, sim, acabar atraindo vibrações que estão procurando refúgio”.

Enfim, uma atmosfera pesada de “más vibrações” não era o que a professora queria, especialmente por já ter as suas próprias vibrações conflituosas internas. Por isso, deixou-se trabalhar sozinha em sua sala, de vez em quando olhando-se no espelho, como se assim não se sentisse tão só.

As horas passaram voando e, num piscar de olhos, já era o final da noite. Levantou-se da mesa e estava indo para a porta, quando uma sensação de sufocamento tomou conta dela. Primeiro pensou que poderia ser uma crise (como há muito tempo não tinha), mas, ao voltar seus olhos para o espelho, notou uma neblina estranha, como se, pelo reflexo, sua sala estivesse tomada por uma fumaça cinza-escura.

A professora mal conseguia se mexer, parecendo hipnotizada. Esqueceu que estava indo embora, nem pensava no que estava fazendo, apenas olhava para o espelho e, pé ante pé, tentava observar algo em meio à névoa do outro lado.

Três passos dados, começou a distinguir um vulto que se aproximava no reflexo do espelho. Esticou o braço e, com os dedos, encostou na superfície fria de vidro. O arrepio que sentiu percorreu todo o seu corpo, mas não afastou a sua mão, que, espalmada, refletia uma outra mão, possuidora de uma cor morta.

A névoa do outro lado do espelho se dissipou um pouco, revelando uma forma humana de mulher, muito magra e pálida, com um vestido fino e encardido que oscilava ao sabor de uma brisa inexistente. Com surpresa, ela percebeu que aquela mulher, em algum nível incompreensível, era ela. Os traços de ambas eram parecidos, mas a mulher do espelho tinha olheiras escuras circundando seus olhos, que eram dois poços negros que emanavam um ódio aniquilador. A professora, baixando

um pouco o olhar, notou que a boca da estranha figura se contorcia num esgar, que poderia até ser um sorriso, se não revelassem uma crueldade monstruosa.

Com um esforço acima de suas forças, ela conseguiu remover a mão da superfície do espelho. Mas a mulher do espelho começa a falar, em sons tão agudos que agridem os ouvidos, obrigando a professora a buscar uma saída. A porta, sem explicação, está trancada.

Sem escapatória, tampando os ouvidos com as mãos, a professora sobe em sua mesa e pula pela janela, quebrando o vidro e mergulhando na noite.

Na queda, ela acabou sofrendo um traumatismo craniano e encontra-se em coma num hospital de Curitiba, sua cidade natal. Todos os seus pertences foram enviados à família, exceto, por razões desconhecidas, o espelho com moldura dourada. Ele está no sótão do Bloco dos Professores, com uma rachadura no canto inferior, como se um pedaço tivesse escapado pela moldura.

Ocupado!

Esta história aconteceu de verdade com um estudante da UFFS.

Nos laboratórios, há um grande trânsito de gente. Nos inícios e finais das aulas, o corredor é subitamente tomado por conversas, risadas, portas abrindo, enfim, pessoas. No resto do tempo, algum funcionário transita, acadêmicos vão apressados para alguma sala. As luzes quase não são acesas durante o dia, pois não se vê necessidade, e sempre é bom manter uma consciência ecológica.

Um aluno de Ciências Biológicas estava desenvolvendo uma pesquisa sobre as espécies vegetais do entorno da UFFS, há mais de dois anos, e praticamente vivia no Laboratório 301. Mesmo nas tardes livres, gostava de ficar por ali, ou andar pelo campus, ou analisar amostras das últimas plantas recolhidas.

Em um fim de tarde, com um silêncio pesado imperando, só interrompido por trovões abafados, ele fechou o armário e pensava em comer alguma coisa enquanto esperava as aulas da noite. Trancou a porta, entregou a chave ao técnico de plantão e, antes de sair, pensou em ir ao banheiro.

As lâmpadas estavam apagadas, pois ainda havia uma sutil iluminação externa do sol, mesmo oculto por várias nuvens. O estudante se olhou no espelho, abriu a torneira e jogou um

pouco de água no rosto. Ela não estava somente fria, estava estranhamente gelada, quase contendo cristais de gelo ou, pelo menos, assim lhe pareceu. O fio de água minguou e fechou-se. Uma brisa ligeira, vinda de lugar nenhum, passou por ali, causando-lhe um calafrio. Soltando um riso curto de descrédito, apertou novamente a torneira, para comprovar a temperatura da água. Dessa vez, um vapor envolveu toda a pia, com o calor daquela água em ebulição.

O rapaz deu um salto para trás, arregalando os olhos. Suas mãos estavam tremendo e ele não acreditava que tal mudança abrupta de temperatura fosse fisicamente possível, naquele ambiente. Já querendo secar as mãos e ir embora dali, olhou sem muita atenção para o piso na frente dos sanitários. De um deles, o terceiro a partir da porta, havia pegadas de terra em direção à saída. Como ele não tinha percebido isso ao entrar? Como aquilo não foi esfregado pelas mulheres da limpeza? E – após olhar com mais atenção – por que pareciam feitas de pés descalços?

Tentou abrir aquela porta, mas ela estava trancada por dentro... Ajoelhou-se, espiou por baixo, não enxergou nada.

Foi quando um suave som, como um engasgo, foi ouvido do outro lado daquela porta. Com muito medo, mas talvez sentindo mais curiosidade, o estudante bateu de leve, perguntando se estava tudo bem. Por alguns instantes, o barulho cessou. Depois, o trinco foi acionado, e a porta começou lentamente a se abrir.

Sentado no vaso sanitário estava um menino magro, pequeno, sem camisa, com os pés descalços sujos de terra. Mas o que mais se destacava eram os seus cabelos vermelhos,

com uma cor de fogueira alta e viva, e seus olhos, como dois tições acesos, e sem pálpebras.

O estudante deu três passos para trás até esbarrar nas pias e segurou-se com mãos trêmulas para não cair no chão. Os olhos do menino o encaravam, abriam-se em abismo indefinível, com somente uma centelha de luz morta oscilando no fundo. Saltou do vaso sanitário, pisando no chão com um som molhado, de barro sob os pés.

“Vocês mataram muitas plantas para construir isso aqui”. O tom de voz do menino parecia transmitir uma repreensão, mas carregava também muita tristeza. O estudante gaguejou alguma coisa aos modos de desculpa, mesmo sem saber direito pelo que se estava desculpando.

Mais passos foram dados. O menino de olhos profundos e cabelo cor de fogo já estava muito próximo, quase ao alcance do braço estendido. Foi então que houve uma mudança súbita: os cabelos se eriçaram, parecendo inflamar-se ainda mais; os olhos adquiriram uma coloração de ferro em brasa; os dentes, num sorriso tenebroso, estavam cobertos de um limo verde-escuro. “E isso não vai ficar assim!”

Juntando forças desconhecidas, o estudante saltou pela pia, contornou a porta do banheiro e disparou em loucura pelo corredor, batendo em todas as portas e armários, tentando chamar a atenção de alguém. Um técnico estava voltando, estranhou o barulho e quis saber o que houve.

O estudante, banhado em suor frio e mal conseguindo respirar, apenas apontou para o banheiro. O técnico foi até lá, mas não encontrou nada. Apenas algumas pegadas de barro, que traçavam um caminho desencontrado até a janela que dava acesso aos fundos do edifício.

Ninguém mais viu o estranho menino, embora às vezes sopra um vento dentro dos laboratórios, mesmo com portas e janelas fechadas, acompanhado de um som de engasgo. Quanto ao estudante, ele abandonou a pesquisa e agora planta uma árvore por semana, pelo menos, e nem pisa mais na grama, com medo de ser indelicado com a natureza.

A moça dos olhos de prisma

Havia uma estudante na UFFS que chamava a atenção logo no primeiro olhar. Não havia qualquer reclamação, de qualquer natureza, que pudesse ser feita a ela. Os professores todos (mesmo os mais turrões) a admiravam, pela curiosidade que demonstrava e pela rápida conexão entre assuntos altamente complexos. Os colegas também (mesmo aqueles que mascaravam uma inveja insinuante), pois ela não se achava superior aos demais, antes se dispunha a ajudar quem pedisse, não impondo sua visão ou demonstrando uma necessidade de autoafirmar-se. E como se não bastasse a apurada e criativa inteligência que possuía, também era dotada de uma rara beleza, não daquelas que ofuscam, mas que parecia tranquilizar e confortar quem olhava para ela, e que recebia de volta aquele olhar egípcio, de uma cor indefinida, que mudava e oscilava em tons castanhos, verdes e pretos, conforme a luz incidia sobre a íris.

Enfim, para que justiça seja feita, havia uma atitude dela que incomodava alguns: ela sempre ia para casa a pé, sozinha, mesmo à noite. Evitava caronas, companhias na hora de despedir-se. Simplesmente ia andando pela rua Magnólia, até sumir-se na curva distante.

Uma das moças que mais estranhavam tal comportamento era sua colega de classe. Já tinha oferecido carona algumas vezes, mas sempre recebia uma negativa. Algo não estava certo, pois aquela moça tão bonita, andando sozinha, sem medo algum, por ruas mal iluminadas, parecia uma tragédia anunciada. Por certo que junto com essa preocupação havia um misto de curiosidade e ciúme da coragem, mas, enfim, é possível às mulheres terem todos esses sentimentos sem a prevalência de nenhum deles.

Numa noite particularmente escura, com trovões e ameaça de chuva, a moça despediu-se e começou a fazer o caminho de volta a casa. Mais uma vez, sozinha. A sua colega, sem dizer uma palavra, esperou alguns minutos e começou a segui-la. Tomando cuidado para não ser vista ou ouvida, andava em meio à escuridão, tendo como orientação somente o vulto da moça, algumas dezenas de metros à frente.

De repente, sem nenhuma indicação prévia, a moça virou à esquerda e embrenhou-se na mata. A sua colega, passado o estranhamento inicial, decidiu ir atrás dela. Tentando fazer o mínimo de barulho possível, afastando os galhos com delicadeza, andou durante cinco minutos e achou uma casa velha, de madeira, com uma única janela, ou melhor, um buraco, e uma porta entreaberta.

“É possível que ela more aqui?” – ela se perguntou, antes de bater na porta e entrar. Não havia luz, apenas os clarões ocasionais de um raio exterior. Conseguiu distinguir que havia um balcão num dos lados da sala, cheio de pequenas bolas de vidro, postas aos pares. Aproximou-se e, cheia de horror, percebeu que se tratava de olhos.

Travou um grito na garganta e virou-se para fugir. Mas a moça, dona da casa, estava parada à porta. Com um sorriso estranho, deu três passos em sua direção, ergueu as duas mãos e, com um movimento rápido, removeu os próprios olhos de prisma, deixando somente dois buracos vazios. “A curiosidade é uma coisa muito perigosa... Quem olha o que não deve, pode perder o que viu...” Mesmo com os olhos jazendo em suas mãos, as pernas pareciam saber exatamente para onde estavam indo. “Há muito tempo que moro aqui e sempre tive vontade de ver o mundo como as outras pessoas veem. Por isso, cada par desses me permite absorver tudo que os outros viram, captaram e perceberam. Eu sou a soma de todas essas visões. E quero mais. Muito mais. Sempre é bom olhar o mundo através de olhos curiosos, como os seus...”

Essa história aconteceu de verdade com uma estudante da UFFS.

Por vezes, sem explicação, bons alunos saem do curso e não são mais vistos... A curiosidade é perigosa, quando mal aplicada. Assim, se você conhece alguém que tira boas notas e parece ter mistérios no olhar, em vez de segui-lo, estude mais e não se meta na vida dos outros!

A última refeição

Esta história aconteceu de verdade no Restaurante Universitário da UFFS.

Todos ficaram impressionados com a beleza da máquina. Eram duas mulheres e um homem dentro da cozinha. Costumavam conversar enquanto preparavam as refeições, lavavam a louça e planejavam o cardápio semanal com a nutricionista do Campus. Mas, quando a proprietária da empresa responsável pelo Restaurante Universitário (RU) decidiu comprar a máquina, o clima ficou tão cinza entre os funcionários que havia pouca motivação para conversar como antes. Era o medo de serem demitidos em virtude da alta eficiência do equipamento.

A máquina, de procedência europeia e lançada recentemente, era a nova tendência para a gestão de unidades de alimentação coletiva, como cozinhas escolares, restaurantes de grande porte e, claro, restaurantes universitários. Possui diversas funções: um grande forno multicombinado, higienizador de legumes, centrífuga de sucos, além de ter um compartimento para lavagem e secagem de louças. Como se não bastasse, ainda fazia um excelente cappuccino. Além de tudo isso, tinha um design tão agradável aos olhos que algumas pessoas arriscavam dizer que a máquina havia sido projetada por algum designer de veículos de alto padrão de uma mul-

tinacional. Era prateada, com detalhes em dourado. Na sua lateral direita, havia seu modelo escrito em letras grandes e reluzentes: Maruska. Logo abaixo das letras, havia uma peça de metal, na cor prateada, em forma de borboleta com as asas abertas. “Provavelmente é o símbolo da marca”, diziam os funcionários.

Como de costume, os alunos do curso de Nutrição faziam estágio curricular no RU. Em grupos de quatro pessoas, os estudantes acompanhavam a preparação dos alimentos, as condições de armazenagem, a limpeza do local e dos utensílios, dentre outras atividades. Com a chegada da supermáquina – como as pessoas se acostumaram a chamá-la – o estágio dos alunos ficaria diretamente ligado a ela.

No primeiro dia de estágio, uma das alunas ficou além do horário do expediente organizando os relatórios do dia. Os funcionários do RU pediram que ela chamasse um dos vigilantes da Universidade para fechar as portas quando ela tivesse terminado.

A moça, conhecida como “a azeda”, gostava de ficar sozinha, pois o silêncio a ajudava a se concentrar. Seus colegas quase agradeceram por ela se negar a ir junto com eles.

Um pequeno barulho, semelhante ao toque de um sino, rompeu o silêncio do ambiente. A garota notou que, dentro da máquina, um ponto vermelho piscava constantemente, como se, junto ao barulho, indicasse que alguma refeição estivesse pronta. Aproximou-se do forno da máquina e olhou pelo vidro da porta frontal, mas ele estava muito embaçado, transparecendo apenas o ponto vermelho. Curiosa, a garota abriu a porta, com cuidado, de cima para baixo. Colocando as luvas de proteção contra o calor, pegou a forma que estava lá

dentro e a pôs à mesa. Era uma torta de carne-de-sol. Um prato típico do Nordeste brasileiro. A garota pensou várias vezes e, ainda sem a certeza de estar fazendo a coisa certa, cortou uma fatia e comeu. Era deliciosa, com o característico sabor que só se encontraria em restaurantes típicos. Após saborear mais duas fatias, ela se dirigiu novamente ao forno para guardar o resto da torta. Ao abrir a porta da máquina, sentiu que algo a atraiu para mais perto do forno. Tentou recuar, mas não conseguiu. Novamente algo invisível a puxou para ainda mais perto da máquina. Já sentindo o calor que emanava do forno, começou a se desesperar e a gritar, mas a atração para dentro do equipamento já estava se consumando. Involuntariamente, o braço esquerdo da estudante adentrou ao forno. Em seguida, a cabeça, o tórax e o outro braço. Gritando por socorro e chorando, ela ainda tentou enroscar os pés em qualquer coisa que a segurasse do lado de fora por mais algum tempo – estava tentando sobreviver a qualquer custo – mas a porta se levantou, empurrando suas pernas para dentro, engolindo-a por inteiro e se fechando.

Na manhã seguinte, os funcionários do RU se perguntavam por que o Paraíba – apelido do auxiliar de cozinha nascido no estado de mesmo nome – não tinha dado notícias desde o horário de intervalo dos funcionários no dia anterior, quando decidira conferir a validade de alguns produtos. Em seguida, chegaram os outros três estagiários, se perguntando onde estaria sua colega, que resolvera trabalhar até mais tarde.

Naquele dia, o RU foi fechado com duas horas de antecedência, pois sem notícias das duas pessoas desaparecidas, os estagiários e funcionários tiveram de ir até à delegacia prestar depoimento.

No meio da noite, após sair da delegacia, um dos alunos lembrou-se de ter deixado seu celular em cima de um micro-ondas do RU. Decidiu ir até a Universidade. Chegando na entrada do Campus, pediu para um vigilante abrir o RU. Ao entrar na cozinha, o rapaz avistou seu celular e uma luz vermelha que piscava logo acima dele, na parede. A luz vinha do forno da supermáquina. Foi até ele e o abriu. Assim como sua colega, pôs as luvas e retirou uma forma. Dessa vez, a torta era de limão. Como já passavam das 21h e ele ainda não havia jantado, olhou para a porta de entrada e notou que o vigilante estava do lado de fora da cozinha. Não pensou duas vezes e cortou um pedaço da torta. Colocou quase que o pedaço todo na boca, com medo de ser flagrado pelo vigia. A acidez do limão, misturada à crocância da massa, fez sua boca salivar. Tratou de comer rápido e guardar o restante da torta. Antes que pudesse soltar a forma, sentiu um solavanco no braço. Tentou puxá-lo para fora, mas foi em vão. Em poucos instantes, estava com o peito dentro do forno, tentando afastar a cabeça daquele calor. A máquina também se esforçava para sugá-lo, puxando-o cada vez mais forte. Em um ato de desespero, o rapaz se agarrou com as duas mãos em uma asa da borboleta de metal, abaixo da palavra “Maruska”. Quando o vigilante ouviu os gritos, entrou na cozinha depressa e não acreditou no que estava vendo. Metade do corpo do jovem estava sendo engolida por uma máquina. Antes que pudesse chegar até ele para ajudá-lo, a asa da borboleta se partiu e o rapaz foi tragado pela boca de metal da máquina. Não houve tempo para ele soltar a asa da borboleta e ela foi engolida junto com ele. Em estado de choque, o vigilante abriu a porta do forno, mas não havia nada lá.

Todos estavam com pena do pobre homem. Alguns pensavam que tantos anos trabalhando como vigilante o deixaram maluco, mas ele jurava que o forno devorara o estagiário.

A polícia local recebeu investigadores da capital para solucionar a onda de desaparecimentos de pessoas e qual a relação disso com o RU, mas a suposição de uma máquina estar engolindo pessoas estava totalmente descartada.

A proprietária da empresa administradora do RU, já desanimada com três desaparecimentos envolvendo seu nome e sua empresa, decidiu se desfazer de Maruska. Apesar de não acreditar na história do vigilante, sabia que os problemas começaram depois que ela adquiriu a supermáquina. Então, entrou em contato com o fabricante e, concordando em receber um valor menor do que ela havia pago, combinaram a devolução do equipamento.

Logicamente, o volume de trabalho aumentaria significativamente sem a ajuda de Maruska. Por isso, foi contratada uma nova cozinheira. Alta, loira e robusta, era muito trabalhadora e simpática com os colegas e estagiários. Os demais funcionários ficavam impressionados com sua destreza na cozinha. Conhecia centenas de receitas e apesar de jovem – não devia ter mais que trinta anos – aparentava ter uma experiência enorme com cozinhas de restaurantes. E além disso, tinha uma bela tatuagem no braço direito: uma borboleta com apenas uma asa.

A sala 205

Depois dos primeiros dias da mudança da UFFS – Campus Realeza para o prédio definitivo, em 2012, e uma rotina já começar a se definir, os vigilantes também elaboraram sua escala de vistoria nas salas do Bloco A, na verdade, o único bloco até então. Após as aulas noturnas, dois dos quatro vigilantes subiam até o último andar e iam descendo, conferindo todas as salas, para verificar se janelas tinham ficado abertas, luzes acesas ou objetos esquecidos. Os outros dois faziam uma ronda externa, contornando o bloco.

Naquela noite, os dois vigilantes que passavam em revista as salas do terceiro andar ainda estranhavam alguns barulhos ocasionais que rompiam o silêncio. Dizem que os prédios novos demoram um tempo até se “assentarem”, e é como se estalassem as articulações, acomodando-se. Foi quando receberam um chamado pelo rádio dos outros dois: “Quando chegarem no segundo, verifiquem a sala 205, a luz ficou acesa”. Enfim, são coisas que acontecem. Desceram as escadas dos fundos do prédio, por ficarem mais perto da sala. Viraram-se à direita no segundo andar e, olhando a distância a sala 205, verificaram que tudo estava escuro e a porta estava aberta. Um deles logo pegou o rádio: “Você não falou que a

luz estava acesa?" "Calma que vou voltar... Pois tá acesa sim!... Pronto, apagou."

Sem entender nada, os dois se entreolharam e pegaram os cassetes. Como a luz estava apagada para eles e acesa do lado de fora? Prendendo a respiração, andaram pé ante pé rumo à escuridão que a porta aberta formava. Um deles se adiantou e já pisava no interior da sala, esticando a mão esquerda para acionar o interruptor e acabar com as sombras.

Foi quando um grunhido que parecia de um porco soou, muito alto. O segundo vigilante viu, ou melhor, distinguiu um vulto, com possivelmente dois metros de altura, sair da escuridão e empurrar o colega, impedindo que a luz fosse acesa.

Como se um enorme lençol escuro tremulasse ao redor do vigilante, ele caiu no chão, debatendo-se e gritando por socorro. Após o primeiro grito, aquele homem parecia estar sendo sufocado e perdendo as forças para tentar escapar. O outro vigilante, que ficou imóvel durante toda a cena, despertou e, sem pensar em nada, desferiu dois golpes no vulto que atacava o colega. Depois ele disse que sentia estar batendo em um monte de algodão, enquanto que o outro, que sofreu o ataque, relatou que o peso era de uma pilha de tijolos sobre ele.

O vulto, então, ergueu-se e dominou todo o campo de visão do vigilante que permanecia em pé. Num impulso de coragem, aproveitando que a janela vizinha à sala 205 estava aberta, empurrou o ser estranho, que despencou na escuridão.

Após ajudar o colega a levantar-se e verificar se estava bem, olharam pela janela. A luz da lua era mínima, mas conseguiram ver, no chão, os outros dois vigilantes, olhando para cima e perguntando quem tinha gritado. Não havia qualquer sinal de que algo caíra.

No livro de ocorrências, como não sabiam direito o que colocar, optaram por apenas mencionar que a luz da sala 205 aparentava estar com defeito e solicitavam a verificação do setor responsável pela manutenção. E daquela noite em diante, a sala 205 é a única em que os vigilantes ficam do lado de fora, esperando a aula terminar para logo apagarem a luz e trancarem a porta.

Essa história aconteceu de verdade com os vigilantes da UFFS.

Devolva a pedra, amigo

Esta história aconteceu de verdade com um formando da UFFS.

Todos sabem que o processo de concluir um curso de graduação, independente de qual seja, exige do aluno uma série de comprometimentos. São muitos professores, são muitos textos e são poucos momentos em que se pode desligar desse mundo. Da mesma forma, o Trabalho de Conclusão de Curso torna-se sinônimo de angústia e ansiedade, seja na figura do orientador que não se envolve ou se envolve demais, seja nos materiais que são poucos ou são muitos, seja na escrita que não vem.

Quando, enfim, o trabalho é entregue, nem assim a tensão some, pois ainda se deve apresentar diante de uma banca. No caso daquele formando, ele chegou à UFFS no meio da tarde. Ele tinha uma alta tendência antissocial. Não conseguia se concentrar em casa para terminar sua apresentação, pois sua irmã estava no andar de baixo. E os vizinhos estavam sentados na varanda, olhando a paisagem. Então pensou em ir à universidade, sentar-se na biblioteca e, em meio ao silêncio e aos livros, arrumar as informações na meia dúzia de slides que faltavam.

Mas até a respiração do bibliotecário no outro extremo da sala, uma mosca batendo no vidro, tudo era fonte para desconcentrá-lo. Não queria ninguém à sua volta! De maneira brusca, levantou-se, pegou o notebook, e foi para trás do Laboratório 2. Àquela hora, já com o sol se ocultando, com as sombras longas do edifício e das árvores em redor, não havia qualquer pessoa visível. Enfim, a paz da solidão!

Na verdade, todo aquele silêncio até lhe dava certo incômodo. Parecia entrar numa dimensão paralela, em que somente ele existia, e até o vento se ausentara. O formando expulsou de sua cabeça essa paranoia, pois toda sua concentração deveria estar na tela do computador. O relógio, indiferente à tensão, rodava seus ponteiros rumo à hora de sua apresentação. O jovem encostou-se à parede externa do Laboratório 2, sentou-se no chão e começou a trabalhar.

Faltava menos de uma hora para a defesa, as sombras já dominavam quase totalmente a paisagem da UFFS, e nem um slide a mais havia sido feito. O formando começou a sentir raiva de si mesmo, depois de estudar tanto aquele assunto, já ter escrito artigos, apresentado trabalhos em eventos, como era possível estar travado nessa hora? Começou a olhar perdido para os lados, encarou com a cabeça mal voltada para a mata atrás do Laboratório 2 e, num processo associativo, lembrou-se de uma história que ouvira, quando menino.

Sempre que os tropeiros andavam por aquelas terras, quando se passavam dias sem encontrar residência, às vezes se faziam pactos com seres das matas (alguns benéficos, outros nem tanto). Jogavam uma pedra na mata, suplicavam um pedido. Assim que fosse atendido, tinha de dizer: "Devolva a pedra, amigo!" Ela seria jogada de volta e se devia imediatamente

colocar essa pedra junto com presentes de agradecimento, caso contrário o ser poderia perseguir o viajante.

Rindo por ter se lembrado dessa história, segurou uma pedra redonda que estava ali ao lado, jogou longe na mata e pediu, implorou que conseguisse terminar a apresentação a tempo. Por alguns minutos, nada aconteceu. Um pequeno galho que tinha dobrado com o peso da pedra voltou ao lugar. Tudo continuou parado.

O jovem balançou a cabeça, respirou fundo e voltou para a tela do computador. Por ter desviado sua atenção, toda aquela informação tornou-se mais clara a ele. Não havia necessidade de incluir tudo aquilo na apresentação. Bastava concluir, retomando os pontos dos três primeiros slides e explicar a partir dos dados coletados e das experiências feitas.

Dez minutos depois, ergueu-se com a energia de um vitorioso. Lá estava ela: a sua apresentação. Exata, precisa, sem informações desnecessárias, como ele queria.

Arrumou sua mochila e estava pronto para enfrentar a banca, quando um pensamento cruzou seu olhar. Será que ele conseguiu terminar, porque fez o pedido ao “ser da mata”? Na dúvida, ergueu um braço e falou com certo desdém, como se recitasse: “Devolva a pedra, amigo!”

Três segundos se passaram, um vento soprou e a pedra lançada veio, rolando devagar, pelo pequeno morro de acesso à mata.

Ele não conseguiu defender o TCC naquela noite, nem naquele mês. Só conseguiu pisar novamente na universidade no ano seguinte. Teve de fazer um acompanhamento psiquiátrico e tomar remédios pesados para a ansiedade. Em compensação, tornou-se mais sociável, não aguentando ficar mais do que dez minutos sozinho.

O segredo está no molho

Quando o Restaurante Universitário foi finalizado, uma série de medidas foram tomadas antes de sua abertura ao público. E toda essa organização ficou a cargo de uma professora recém-contratada, justamente para concentrar-se nessa função inicialmente.

Ela não conversava com ninguém, raras pessoas tinham ouvido a sua voz: alguns técnicos, a equipe diretiva e os envolvidos na abertura do RU. A todos os demais, ela parecia esquiva, uma sombra que fugia de qualquer relação social. São as diferenças que se devem respeitar, era o que se dizia para justificar essa atitude. Mas realizava seu serviço de modo impecável. Tanto que, após uma empresa assumir a produção das refeições, ela julgou que seu trabalho estava concluído.

Um homem que também estava por lá, no entanto, chamava-lhe a atenção. Sempre que olhava para ele, muito disfarçadamente, notava que ele retribuía. Na verdade, parecia nunca perdê-la de vista. Isso a incomodava um pouco, mas acabou por se acostumar. Quando tudo entrou na fase final, faltando três dias para a abertura oficial do RU, esse homem aproveitou um momento em que ficaram afastados e pediu um minuto de atenção. A professora, muito envergonhada, primeiro tentou murmurar uma desculpa, mas logo foi inter-

rompida. O homem falou que estava muito admirado com o seu profissionalismo e mesmo com a pessoa dela, gostava da voz dela e descobriu-se apaixonado em uma vez que ela deixou escapar uma tímida risada, por um comentário qualquer. Pediu, ou melhor, implorou que ela lhe concedesse a honra de fazer um jantar para ela. A professora ainda tentou esquivar-se, mas o homem foi taxativo, inclusive, aproveitando que ela possuía as chaves do RU, ele traria tudo pronto. Falou que seria um segredo deles.

Na noite seguinte, então, caía uma garoa fina. A professora olhou para aquele grande salão, cheio de mesas brancas iluminadas por uma fraca porção da Lua, e, ao fundo, o homem tinha acendido duas velas e disposto dois pratos.

Talvez pelo elemento de perigo que havia em tudo aquilo, ela se sentia tomada por uma energia que nunca antes sequer pensara existir. Sentou-se, jantaram. Era um peixe ao molho, preparado com ervas de gosto desconhecido, que oscilavam entre o doce e o amargo. Os olhos dele não a largavam um instante. Quando terminaram, o homem agradeceu por ela ter vindo e pediu mil desculpas por colocá-la naquela situação. “Quero que saiba que nunca quis que corresse riscos desnecessários, mas é que eu precisava fazer alguma coisa. Jamais me perdoaria se deixasse passar essa oportunidade.” A professora sentia-se desarmada, quase como se flutuasse.

E o homem pegou-lhe a mão sobre a mesa. “Eu estou aqui há muito tempo. Estava aqui antes da UFFS. Antes dos agricultores. Antes mesmo dos colonos virem para essa região. Mas todos eles vinham, tomavam posse, destruíam, mas eu permanecia e me modificava. Conheço os poderes de cada planta e consigo captar os nutrientes da terra, porque eu

faço parte da própria natureza.” A professora ouvia tudo isso, mas sem entender exatamente o que as palavras queriam dizer. Ela parecia mergulhada num rio de sons e luzes. Foi então que o homem lhe agarrou a mão, puxou uma agulha e, muito rapidamente, furou um dedo dela e deixou pingar uma gota de sangue no copo d’água que estava à sua frente. “Essa universidade veio para abalar a minha natureza e não posso permitir isso. Alguma coisa precisa ser feita e você, infelizmente, será o caminho que posso usar, por isso fui me fazendo notar e me aproximando”. E tomou a água em que o sangue caía.

Despertando daquele torpor, a professora viu que os olhos daquele homem adquiriram uma coloração esverdeada e, como uma miragem, os cabelos daquele homem começaram a crescer. Ela levantou-se correndo e, tropeçando, conseguiu sair do Restaurante. Uma chuva começou a cair, e a professora começou a seguir o caminho de pedras até o Bloco A, tentando achar alguém. Não conseguia gritar e, três passos adiante, perdeu as forças das pernas e tombou.

Olhou para suas mãos e elas pareciam sumir aos poucos, como se a chuva as apagasse. O homem se aproximou com passos firmes e a encarou. A última coisa que a professora conseguiu enxergar, antes de dissolver-se por completo foi que, ao invés daquele homem, quem estava ali, de pé, era uma pessoa idêntica a ela.

Quando o Restaurante Universitário abriu, ninguém conseguia acreditar na mudança daquela professora. Conversava com todos, ria abertamente e mostrava-se com uma voz forte e incisiva. Ela adquiriu a admiração de todos e, aos poucos, foi conquistando alunos e colegas, desenvolvendo projetos e pesquisas, envolvendo toda a comunidade, a cidade, a região.

Tudo isso pensando em chamar a atenção do Reitor e, quem sabe, convidá-lo para jantar.

Essa história aconteceu de verdade com uma professora de Nutrição da UFFS.

Olhos grandes

Substituindo uma colega, que estava afastada em licença-maternidade, uma funcionária da limpeza da UFFS teve de ficar com o turno da noite, limpando os laboratórios após as últimas aulas.

Foi numa noite de quinta-feira. Ela fechou todas as portas, apagou as luzes e estava andando para o Bloco A, para entregar o molho de chaves para o vigilante e ir embora, quando um vulto distante chamou sua atenção. Era uma noite clara, de alta lua cheia no céu. Então, o que parecia um cachorro grande distinguiu-se bem, correndo no caminho de terra que ia do Bloco dos Professores até a parte mais distante do Laboratório 1. Dava pulos grandes, com o corpo bem pronunciado para a frente.

Assim que o bicho desapareceu atrás dos laboratórios, a mulher acelerou o passo até o Bloco A. Antes de entrar, ainda distinguiu um uivo triste e longo, fazendo com que sentisse um calafrio que percorreu toda a coluna em rastilho de gelo.

No dia seguinte, encontrou-se com o diretor do Campus e comentou sobre o estranho acontecimento da noite anterior. “Sim, sim. Pode deixar que vou falar para os vigilantes prestarem atenção”. Mas isso não foi o bastante para que a mulher

se tranquilizasse. Lembrava-se do vulto, saltando em duas pernas e ecoando aquele uivo possante e triste.

Perdida em pensamentos, falou com suas colegas. “Isso é um lobisomem”, afirmou uma delas, fechando os olhos e mexendo a cabeça. A mulher não soube o que responder. Dizer que era um lobisomem parecia algo tão surreal quanto dizer que não era. Se não era esse ser folclórico, inexistente, então o que seria? Um urso? Um lobo? Um louco?

O dia passou e a noite também. A lua cheia parecia desafiar a mulher a atravessar o pátio dos laboratórios e chegar até o estacionamento. Ainda ficou vários minutos, apenas encarando a luz noturna e a escuridão em redor. Mas não podia ficar ali, nem parecer uma menina assustada. Então foi, entregou as chaves no Bloco A e caminhou com passos mais firmes até sua moto.

Em um instante, surgindo das escadas de acesso ao Bloco dos Professores, veio o bicho. Era gigante. Seu corpo era totalmente coberto de pelos negros, duros. As mãos e pés antes pareciam garras, terminadas em unhas curvas. Seu rosto, com um nariz proeminente, destacava dentes brancos, que dançavam dentro de sua boca que rosnava. Seus olhos eram de um verde-claro, quase hipnótico, impossível de se desviar.

A mulher já tinha dado a partida na moto, então, acordando daquela sonolência, acelerou. Acabou acertando o lado esquerdo do bicho, espalhando pedras por toda a parte e indo para casa, sem consciência alguma do que estava fazendo, nem tempo de olhar para trás.

Não conseguiu dormir, pois todo barulho parecia uma ameaça, um alerta, um desafio.

No dia seguinte, bem cedo, foi até a sala do diretor. Não se importava em parecer louca, precisava exigir uma providência. “Ontem encontrei aquele bicho que mencionei. Era um lobisomem e ele quase me atacou.”

O diretor ouviu com atenção, mas demonstrava certo desdém. “Lobisomem?” Disse que novas rondas seriam feitas, mas sugeriu que ela tirasse uns dias de folga, procurasse um médico, acalmasse os nervos.

Ele abriu a porta e segurou o braço esquerdo. Parecia que estava machucado. Sorriu sem jeito, revelando à mulher uma fileira de dentes brancos, logo abaixo de dois grandes olhos verdes-claros.

Ela nunca mais comentou sobre o assunto, mudou-se de cidade e agora vive em relativa tranquilidade, trabalhando em casa, num apartamento no décimo-oitavo andar. O diretor foi convidado para assumir um cargo no Ministério da Educação, em Brasília. Estranho que, em algumas noites, uivos tristes ecoam pela Esplanada dos Ministérios...

Essa história aconteceu de verdade com uma funcionária da limpeza da UFFS.

Oi!

Fazia quatro meses que uma professora tinha começado a trabalhar na UFFS, mas não passava um dia em que ela não ficasse suspirando de orgulho. Era filha de Realeza, nascida e criada. Quando menina, andou por todos esses lugares, nadou no Sarandi e brincou com seus amigos até não poder mais no campo de soja e milho que era o terreno onde, por incrível que pareça, hoje estão os prédios da Universidade.

Era até engraçado olhar as matas que permaneceram ali, nos bairros em volta que vão aparecendo, e sente-se transportada para seus oito anos, numa época mais calma e mais serena. Mas agora, com vinte e nove, recém-doutora, voltar ao seu chão, depois de percorrer muitos estados e vários países em estudos e congressos, era uma consagração. E até o Sol parecia que brilhava mais para ela.

E foi longe do Sol, numa noite em que estava indo embora das aulas, que ouviu algo estranho no estacionamento atrás do Bloco dos Professores. Já seria perto das onze horas, só havia quatro carros remanescentes, os alunos todos já tinham ido no ônibus e movimentação somente a dela mesma, encaminhando-se para o carro. O barulho de seus passos nas pedras até trazia certo conforto, num ritmo calmo e contínuo. Abriu a porta e ia entrar quando ouviu um barulho das pedras,

como se três passos ligeiros fossem dados, seguido por uma voz feliz que disse: “Oi!”

Virou-se, mas não viu ninguém. Até deu a volta no carro, podia ser uma criança perdida (a voz parecia ser infantil), mas nada. Só estava ela no estacionamento mal iluminado. Fechou-se no carro, não conseguiu conter um arrepio, deu a partida e saiu espalhando as pedras.

No dia seguinte, não mencionou o fato. Devia ser imaginação sua ou, então, uma lufada de vento vinda de lugar nenhum, pois havia assobios que escapavam das frestas das janelas e brisas fortes que passavam naquele terreno descampado. Convenceu-se disso, mas chegou cedo para deixar o carro o mais próximo possível e, depois das aulas da segunda noite, ficou na porta do Bloco à espera que mais alguém viesse, para irem juntos ao estacionamento.

Foram apenas alguns minutos até o secretário sair. Trocaram os comentários triviais e despediram-se. Ele estacionou alguns metros adiante. Quando ela abriu a porta, novamente três passos ligeiros, seguidos do “Oi!” animado. Ela se virou assustada, o secretário estava longe dela, mas mesmo assim a professora perguntou se ele tinha dito alguma coisa. Fez que não com a cabeça e acenou um tiau. Ela também acenou e entrou no carro.

A cena repetiu-se durante duas semanas. Ela tentava ir em grupo, mas bastava um instante que ficasse sozinha, logo antes de entrar no carro, para os passos e o “Oi!” se insinuarem. Não conseguia mais dormir direito. Ir trabalhar passou a ser uma tortura. Terminava as aulas antes, corria para o carro e, quando chegava em casa, chorava.

Os colegas perguntavam o que estava acontecendo, mas ela não dizia, não podia dizer. Como explicar uma coisa que ninguém acreditaria e todos achariam loucura? A situação chegava ao seu limite: ou abandonaria tudo aquilo pelo que lutara ou enfrentaria a voz, os passos e a escuridão.

Na noite que se seguiu a essa resolução, ela andou com passos firmes pelo estacionamento. Olhou a luz no alto do poste central e parou diante de seu carro. Respirou fundo três vezes, na quarta vez, os passos vieram e o “Oi!” soou. Ela, enchendo-se de uma coragem desconhecida, respondeu: “Oi. Quem é você?”

A resposta veio num sussurro: era um nome feminino. Era o nome de uma amiga sua, da época de infância, que nunca mais tinha visto. Lembrou-se de que, logo que chegou a Realeza, procurou por essa menina, mas ninguém sabia dela. Alguns diziam que, quando criança, tinha sido raptada; outros, que fugiu de casa; outros, ainda mais macabros, que tinha sido morta no meio do vasto campo de milho e soja, onde hoje é a UFFS, e seu corpo foi enterrado em lugar incerto.

A professora pensou tudo isso, não de modo ordenado, mas numa corrente incessante de imagens desconexas. Não sabia o que fazer, ali imóvel, sentindo um ar pesado que quase se podia engolir. Piscando muito os olhos, enxugou uma gota do rosto – lágrima, suor, quem sabe? – e perguntou o que a menina queria. A resposta foi simples e direta: “Brincar”.

O grito que se seguiu foi ouvido até no Restaurante Universitário. Todos que ainda estavam na UFFS correram ao estacionamento e viram a professora deitada nas pedras, com os olhos estáticos, encarando o céu noturno e a luz do poste central.

Ela teve de ser afastada, recebendo uma aposentadoria por invalidez, e hoje recebe os cuidados numa clínica de recuperação em outro estado. Sempre que alguém menciona o fato dela ser professora ou ter vindo de Realeza, ela começa a se debater, gritando e chorando. Quanto à voz, ela nunca mais foi ouvida. Embora alguns professores tenham escutado os três passos ligeiros, não há nenhuma saudação. Talvez ela seja tímida...

Essa história aconteceu de verdade com uma professora da UFFS.



Reitor	Jaime Giolo
Vice-Reitor	Antônio Inácio Andrioli
Chefe do Gabinete do Reitor	Stefani Daiana Kreutz
Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura	Péricles Luiz Brustolin
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis	Darlan Christiano Kroth
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas	Edivandro Luiz Tecchio
Pró-Reitor de Extensão e Cultura	Êmerson Neves da Silva
Pró-Reitor de Graduação	João Alfredo Braida
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Joviles Vitório Trevisol
Pró-Reitor de Planejamento	Charles Albino Schutz
Secretária Especial de Laboratórios	Cladis Juliana Lutinski
Secretário Especial de Obras	Rodrigo Emmer
Secretário Especial de Tecnologia e Informação	Claunir Pavan
Procurador-Chefe	Rosano Augusto Kammers
Diretor do Campus Cerro Largo	Bruno Munchen Wenzel
Diretor do Campus Chapecó	Roberto Mauro Dall'Agnol
Diretor do Campus Erechim	Luís Fernando Santos Corrêa da Silva
Diretor do Campus Laranjeiras do Sul	Martinho Machado Júnior
Diretor do Campus Passo Fundo	Julio César Stobbe
Diretor do Campus Realeza	Marcos Antônio Beal



Diretor da Editora UFFS

Valdir Prigol

Assistente em Administração

Fabiane Pedroso da Silva Sulsbach

Revisora de texto

Marlei Maria Diedrich

Conselho Editorial

Adelita Maria Linzmeier

Ademir Roberto Freddo

Andréia Machado Cardoso

Cláudio Claudino da Silva Filho

Chris Netto de Brum

Demétrio Alvez Paz (Presidente)

Edemar Rotta

Eduardo Pithan

Izabel Gioveli

Jane Kelly Oliveira Friestino

Janete Stoffel

Jeane Barros de Souza

Leandro Henrique Manfredi

Liziara da Costa Cabrera

Marlon Brandt (Vice-presidente)

Roque Ismael da Costa Güllich

Rosângela Inês Matos Uhmman

Samira Peruchi Moretto

Siomara Aparecida Marques

Tiago Vecchi Ricci

Valdir Prigol

Vanderléia Laodete Pulga



REVISÃO DOS TEXTOS **Saulo Gomes Thimoteo**
REVISÃO FINAL **Marlei Maria Diedrich**
PROJETO GRÁFICO E **Mariah Carraro Smaniotto**
DIAGRAMAÇÃO
CAPA **Felipe Stanque Machado Junior** (com releitura de
uma foto de autoria de Ariel Tavares/UFFS)

DIVULGAÇÃO **Diretoria de Comunicação**

FORMATOS **e-PUB, MOBI e PDF**

A185 Aconteceu de verdade : lendas urbanas da UFFS / Saulo Gomes
Thimotéo (Org.). – Chapecó, SC : Ed. UFFS, 2019. –
95p.

ISBN: 978-65-5019-004-0 (e-Pub)

978-65-5019-005-7 (Mobi)

978-65-5019-006-4 (PDF)

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Literatura
catarinense. 4. Contos catarinenses. I. Thimotéo, Saulo Gomes
(Org.). II. UFFS.

CDD: B869.3

CDU: 869.0(81)-34